

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Estratégias de enfrentamento utilizadas por mulheres muçulmanas pós-refúgio: o reinventar de uma forma de viver

Evelyn Costa Cavalcanti

Mestrado em Psicologia Comunitária Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientador(a):

Doutora Carla Moleiro, Professora Associada
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Estratégias de enfrentamento utilizadas por mulheres muçulmanas pós-refúgio: o reinventar de uma forma de viver

Evelyn Costa Cavalcanti

Mestrado em Psicologia Comunitária Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientador(a):

Doutora Carla Moleiro, Professora Associada
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

*À todas as mulheres extraordinárias
que procuram o reinventar após serem desenraizadas
de suas terras. Tentarei sempre derrubar fronteiras em
busca de fazer um mundo mais humano para nós.*

AGRADECIMENTOS

À minha família. Aos meus pais que trabalharam duro para me abrir caminhos na vida. Graças a quem eles são, e como me criaram, que estou aqui hoje. E ao meu irmão, com seu amor enigmático e puro, mas que guardo comigo em cada nova seara mundo à fora que eu decido me aventurar. Vocês são meu porto seguro, minha base. Minha eterna gratidão. Amo vocês.

Em especial, ao meu pai, que esteve comigo em todo o processo, me apoiando e me motivando, além de me ajudar com toda a formatação. Você me inspira a ser sempre o meu melhor para o mundo.

À minha orientadora Carla Moleiro, que foi notável durante todo o processo. Que sempre fez mais que uma orientação meramente acadêmica enquanto professora, mas que me acalmou quando eu precisava, que me acolheu, me motivou, me deu força durante o processo, e me ensinou muito! Nunca irei esquecer da sua frase mais marcante e recorrente: “Não se preocupe, respire fundo”. O meu profundo agradecimento.

Ao Gabriel Falcão, que me incentivou e ajudou mais do que qualquer pessoa para realizar esse sonho de fazer mestrado fora do Brasil. Muito obrigada Gabi. Sempre serei grata e te terei no meu coração.

À Grace, uma querida amiga que nunca mediu esforços para me auxiliar. Seja no Iraque, ou depois da minha escolha de seguir outros caminhos na vida. Tenho grande admiração pelo seu trabalho, bem como pelo seu cuidado e atenção especial à todo aquele que cruza seu caminho.

Ao meu grande amigo Joseph Thera, que uma vez me disse: “somos humanos. Humanos sensíveis e conectados com outros, mesmo com vidas diferentes. E nós crescemos cada vez mais em humanidade (ao entrar em contacto com as histórias dessas pessoas), em termos de conhecimento do mundo. Ficamos mais próximos do mundo, e mais longe de nós”. Obrigada por tudo.

Às mulheres espetaculares que se dispuseram a partilhar suas histórias marcantes, e suas falas profundas. Mulheres que bravamente buscaram a luz em meio a muitas horas sombrias, e que fizeram transbordar pelos meus olhos a emoção e admiração pelas suas vivências.

Ao Ricardo Ferreira, meu maior suporte durante todo esse tempo. Com sua ternura, paciência, e sua fantástica e impetuosa habilidade de arrancar de dentro do meu ser a mulher que eu desejo oferecer à humanidade.

RESUMO

Com o crescimento mundial dos números de migrante forçados, se acentua a necessidade do olhar para esse problema, afim de elaborar intervenções pragmáticas e concretas para tal adversidade. O objetivo do presente estudo foi identificar quais são os fatores que, segundo mulheres muçulmanas refugiadas, as auxiliam no reinventar de uma forma de viver no pós refúgio. Foram feitas entrevistas na profundidade com 14 mulheres muçulmanas migrantes forçadas, entre os 19 e os 49 anos, com tempo médio de situação de refúgio de 9 anos, acolhidas em países anfitriões como Chade, Iraque, Canadá, Alemanha e Austrália. Os principais resultados apontaram para a existência de sete principais recursos utilizados para o reinventar, nomeadamente: 1) Família nuclear; 2) Personalidade e atitudes individuais; 3) Crença em Deus e fé; 4) Estabilidade e estrutura de vida; 5) Estudos e instrução; 6) Sonhos e planos; 7) Trabalho e função social. Acerca dos recursos de *coping* a diferentes níveis, identificou-se a nível individual: atitudes e crenças positivas, reatribuição de significado, *self-talk*, personalidade, humor, sonhos e planos; a nível social e comunitário: família, amigos, vizinhos, trabalho e atividades voluntárias, estudos e escola, figuras representantes da comunidade, suporte das ONGs e suporte governamental; e a nível religioso: fé e espiritualidade, religião e cultura, e suporte de outras religiões. É feita a discussão dos resultados à luz da literatura, pensando em políticas públicas para o oferecimento de recursos adequados, e visando soluções mais duradouras para pessoas em situação de refúgio.

Palavras chave: mulher refugiada, estratégias de *coping*, reinventar, mulher muçulmana, recursos individuais, recursos sociais, recursos religiosos.

Categorias e Códigos de Classificação (APA):

2900 Social Processes & Social Issues

3373 Community & Social Services

Nota: A presente dissertação está escrita em português do Brasil.

ABSTRACT

With the worldwide growth in the numbers of forced migrants, the need to look at this problem is accentuated, in order to develop pragmatic and concrete interventions for such adversity. The objective of the present study was to identify which are the factors that, according to Muslim refugee women, help them to reinvent a way of living after refuge. In-depth interviews were conducted with 14 Muslim women forced migrants, between 19 and 49 years old, with an average time of refuge situation of 9 years, welcomed in host countries such as Chad, Iraq, Canada, Germany and Australia. The main results pointed to the existence of seven main resources used to reinvent themselves, namely: 1) Nuclear family; 2) Personality and individual attitudes; 3) Belief in God and faith; 4) Stability and life structure; 5) Studies and instruction; 6) Dreams and plans; 7) Work and social function. Regarding coping resources at different levels, the following were identified at the individual level: positive attitudes and beliefs, reassignment of meaning, self-talk, personality, mood, dreams and plans; at the social and community level: family, friends, neighbors, work and voluntary activities, studies and school, community representatives, support from NGOs and government support; and at the religious level: faith and spirituality, religion and culture, and support of other religions. The results are discussed in the light of the literature, thinking about public policies for the provision of adequate resources, and aiming at more lasting solutions for people in refugee situations.

Keywords: refugee woman, coping strategies, reinvent, muslim woman, individual resources, social resources, religious resources.

PsycInfo Classification Categories and Codes (APA):

2900 Social Processes & Social Issues

3373 Community & Social Services

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1. REVISÃO DE LITERATURA	5
1.1. Migração Forçada	5
1.2. Gênero: A Mulher Muçulmana Refugiada	8
1.3. Processos Psicológicos Migratórios	12
1.4. Reinventar uma forma de viver	19
1.5. Objetivo e Perguntas de Investigação	19
Capítulo 2. MÉTODO	21
2.1. Participantes	21
2.2. Instrumentos	23
2.3. Procedimentos	23
2.4. Análise dos Resultados	24
Capítulo 3. RESULTADOS	25
3.1. O reinventar	27
3.2. Segurança	32
3.3. Aculturação e adaptação	33
3.4. <i>Coping</i> : recursos individuais	42
3.5. <i>Coping</i> : recursos sociais e comunitários	45
3.6. <i>Coping</i> : recursos religiosos	52
Capítulo 4. DISCUSSÃO	55
4.1. Implicações	61
4.2. Limitações do estudo	62
CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	67
Anexo A. Consentimento Informado	77
Anexo B. Questionário Sociodemográfico	81
Anexo C. Guião de Entrevista	85
Anexo D. Dicionário das Categorias	91

INTRODUÇÃO

O número de pessoas que são forçadas a deixarem seus lares ao redor do mundo, ansiando por um lugar protegido e uma vida estável, continua a ser demasiado elevado na atualidade. No entanto, Bauman (2016) salienta que a migração em massa é um acontecimento que sempre ocorreu desde o início da era moderna, não só com as crescentes possibilidades de locomoção e alcance de novas terras, mas também devido às dificuldades do mundo contemporâneo que foram se transformando e aumentando paulatinamente (Bundy, 2016). Bauman (2016) afirma ainda que já era previsto que o número de migrantes continuasse a aumentar seu crescimento nos anos 2000, no trânsito de países pobres em direção aos países ricos.

Em algumas perspectivas da literatura, essa migração internacional se tornou um problema relevante, passando a ser considerado dinâmica central da multinacionalização e da política global (Castles, et al., 2014; Betts, 2019; Becker & Ferrara, 2019). As causas, consequências e respostas à migração forçada são distintos níveis que caracterizam a relação entre esse tipo de deslocamento e a política global (Betts, 2019). Esses aspectos ilustram a relevância desse tema, no qual passou a ser altamente investigado na literatura por diferentes áreas de estudo e com diversas perspectivas.

Entretanto, apesar da investigação iniciada e crescente, ainda se fazia necessário a busca de intervenções pragmáticas e concretas para tal adversidade. E foi com base no princípio basilar dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, que em 1951 após a Segunda Guerra Mundial, realizou-se a criação de um documento internacional relativamente ao Estatuto dos Refugiados. **Convenção** que foi assinada em **Genebra**, por iniciativa das Nações Unidas, surgindo assim o **Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados -ACNUR-** ao se perceber a necessidade de uma ótica especial ao fenômeno dos refugiados. Tal documento destaca um olhar para todos os indivíduos que se encontram nessa situação mais vulnerável, sem nenhuma discriminação. A Convenção traz o entendimento de que o indivíduo nesse contexto, denominado assim **refugiado**, é todo aquele que tem seu retorno impossibilitado para o país de origem, ou não o deseja, devido a perseguição em virtude de sua raça, crença religiosa, nacionalidade, posicionamento político, participação de algum grupo social, se encontra impossibilitado ou não quer ser protegido pelo país nativo (ACNUR, 1951).

Em busca de uma cooperação e acordo de maneira internacional, trazendo relevância ao problema global e humanitário dos refugiados, outros termos e combinados foram definidos pela Convenção, como os direitos, deveres e bem-estar de tais indivíduos, a cooperação entre

os Estados assinantes, as obrigações que os Estados têm de assumir perante os refugiados, as situações que não são admissíveis de acontecer, dentre outros (ACNUR, 1951).

Posteriormente este acordo teve seu conteúdo complementado com o **Protocolo** assinado em Nova Iorque, em janeiro de **1967**, para responder à outras problemáticas não abarcadas pela primeira Convenção de Genebra. Ambos os documentos passaram a ser um alicerce mundial do direito dos refugiados.

No entanto, é importante destacar também que cada país, inspirado nos dois documentos citados acima, desenvolveu seus próprios procedimentos e mecanismos para a proteção dos refugiados, sobretudo a União Europeia (Amorim, 2021).

Nesse sentido, entende-se a partir do **Tratado da União Europeia, Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia** e da **Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia** que o migrante forçado, que tem seu direito de asilo reconhecido é chamado de “asilado”. Portanto, pelos meios jurídicos europeus, quando o indivíduo em perigo solicita a proteção internacional, ou o direito de asilo, este é denominado de **requerente de asilo**, ou requerente de proteção interna no país de destino. Logo, “refugiado” é apenas um termo jurídico para caracterizar alguém que é forçado a abandonar o seu país natal (Amorim, 2021).

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (2009), a **migração espontânea**, ou voluntária, é um movimento de uma pessoa ou grupo motivado por fatores externos que levam a pessoa a deixar seu país e a ir para uma nova nação, como por exemplo, a negligência de assistência por parte do Estado, ou outra assistência positiva por parte internacional. Já a **migração forçada**, ou involuntária, é um deslocamento resultante de uma coação por um elemento externo proveniente da natureza, como desastres naturais e a fome, ou ocasionado pelo ser humano, como guerras, que ameaçam a vida ou a sobrevivência das pessoas. Pode ser temporária, com uma morada transitória no país anfitrião, ou permanente.

Becker (2019) evidencia o fato de que ambas as migrações supracitadas podem ter consequências distintas, tanto para o migrante, como para a população de origem e a que recebe. Entretanto, existe uma fronteira tênue entre ambos os conceitos, pois muitos fatores podem levar o indivíduo a realizar a migração. Não é uma diferença simples e consensual. Logo, não existe uma definição comum aceita universalmente (Piguete, 2018).

No âmbito da migração forçada, existem inúmeras consequências na vida do migrante. Muitos indivíduos, devido ao grande estresse e desespero causados por situações caóticas nos locais em que vivem, e falta de recursos, são obrigados a optarem por rotas sem segurança (ONU, 2021), com jornadas perigosas em barcos superlotados, sem comida ou água, em horários noturnos, por caminhos perigosos, com transportes arriscados, ou à pé atravessando

vários países. E, por diversas vezes a proteção internacional da pessoa em situação de refúgio na prática possui uma significativa divergência do que é proposto na teoria (Santinho, 2013).

Na última década, vem acontecendo um aumento mais significativo e constante das migrações forçadas globalmente, sendo este um fenômeno que afeta o país de destino, o país de origem e os países de trânsito (Silva & Carvalho, 2018). Meados de 2012 e 2015 ficaram marcados como o período para a nomeada “**crise dos refugiados**”. A União Europeia passou a se encontrar em um cenário com uma grande população em situação migratória extraordinária. Em 2012 a UNHCR calculou 45,2 milhões de deslocados forçadamente. Já em 2015 esse número teve considerável acréscimo, passando para 65,3 milhões de pessoas deslocadas à força. Valor identificado, até então, como o maior da história, até o momento (UNHCR, 2015).

Esse súbito aumento se deu principalmente devido à questões políticas, guerras civis, invasão de grupos terroristas, crises econômicas, transformações climáticas, conflitos armados, tensões étnicas e religiosas e/ou ocupações por forças internacionais, entre outros aspectos agravantes, em países como a Síria, Iraque e Iêmen, bem como nos países africanos, como o Burundi, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Sudão e Sudão do Sul (situados da denominada África Subsaariana) (Scherf & Gonzalez, 2018; Harris 2018; Figueiredo, 2021).

Entretanto, o aumento mencionado anteriormente não se restringiu apenas ao período de 2015. Estima-se cerca de 82,4 milhões de indivíduos deslocados forçadamente no último relatório da UNHCR feito em 2021, com valores contabilizados ao final do ano de 2020. Estes números correspondem a indivíduos vindos majoritariamente de cinco países, nomeadamente Síria, Venezuela, Afeganistão, Sudão do Sul e Mianmar (UNHCR, 2020), países que possuem relevante número de pessoas muçulmanas.

Frente à essa conjuntura, pode-se verificar a necessidade de maior investigação sobre esse evento que tem acometido a humanidade, além de ser exigido progressivamente pelos Estados e seus cidadãos, maiores providências por parte da União Europeia relativamente ao tema, a fim de que seja fornecida melhor assistência humanitária nos países membros da U.E., e que as políticas vigentes sejam devidamente respeitadas e colocadas em prática (Amorim, 2021).

Ainda no ano de 2020, foi computado que 48% dessa população de deslocados forçadamente são do sexo feminino, abrangendo todas as faixas etárias, de zero a mais de 60 anos (UNHCR, 2020), população de maior vulnerabilidade. E quando nos voltamos para as questões de gênero dentro da migração, percebe-se que existem diferenças significativas nos desafios enfrentados pelas mulheres, em comparação com os homens. Dessa forma, faz-se necessário um olhar mais específico para o gênero nos estudos migratórios. Segundo Perret e

Melella (2021), foi na década de 80 que a investigação sobre migrações passou a incorporar assuntos relacionados ao gênero. Os desafios da jornada de reassentamento pós-refúgio no âmbito feminino é um dos temas que faz-se necessário investigar (Smith, 2013).

Apesar destas mulheres se encontrarem em situação de vulnerabilidade por terem sido obrigadas a se retirarem de seus países, são também revestidas das suas forças e competências, desenvolvendo grande potencial de enfrentamento ao longo de suas trajetórias. O ato de reestabelecer uma vida após a migração forçada pode ser um processo desafiador, porém necessário, existindo fatores auxiliares na reestruturação da existência em um novo país.

No entanto, boa parte das investigações voltadas para o âmbito de pessoas migrantes e refugiadas associa o tema a traumas, psicopatologias devido às migrações, perturbações psicológicas como depressão e ansiedade, além da Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) (Papadakaki, et al, 2021; Dhall, 2018; Basheti, et al., 2019; Velenzuela, et al., 2019; Lindegaard, 2022). O presente estudo visa abordar a temática com uma perspectiva mais positiva, centrada nas capacidades e recursos auxiliares dessa população.

Deste modo, a presente dissertação objetiva investigar os fatores que auxiliam as mulheres muçulmanas refugiadas a reinventarem uma forma de viver no país anfitrião, ou seja, as estratégias de *coping* utilizadas para adereçar e manejar a dor de serem expulsas de seus países, deixando suas estruturas sociais nativas, e forçando uma nova construção (Al-Smadi, et al., 2016) que perpassa entre os fatores individuais, sociais e comunitários, e religiosos, ressaltando as especificidades de gênero em cada âmbito (Santos & Delicato, 2021; Erdogmus, 2021).

No primeiro capítulo, apresentamos a revisão de literatura enquadrando as questões de gênero e através de sua ótica, a aculturação e adaptação, as estratégias de *coping* , e a religião, com o foco na interseccionalidade entre esses temas dentro da esfera do refúgio, compreendendo assim quais são os fatores individuais, sociais e comunitários, e religiosos que propiciam esse enfrentamento. No capítulo seguinte é apresentada a metodologia utilizada neste estudo, sendo seguido por uma seção com os resultados obtidos. Finalmente, discutem-se as implicações desse estudo, e no último capítulo uma breve conclusão sobre os contributos desse trabalho.

Capítulo 1

REVISÃO DE LITERATURA

1.1. Migração Forçada

Os desafios relativos a segurança são considerados cada vez mais um transtorno global, visto que, ao se ver em situação de vulnerabilidade, com algum grau de ameaça presente, o ser humano instintivamente busca um novo contexto ou configuração que garanta a sua segurança e o funcionamento natural de sua vida, gerando uma migração, muitas vezes, forçada (Ecke & Wirtz, 2021). E nesse panorama, se desperta um outro lado desse conceito, relativamente àqueles que recebem esses migrantes em seus países e comunidades, pois passam a se ver como expostos a um tipo de perigo também, provocando uma recusa à aceitação social desses novos membros (Bauman, 2016).

De acordo com Bauman (2016), para a população receptora, o novo pode causar ansiedade, e não ter a previsibilidade do que se esperar dos denominados “estranhos”, frequentemente causa certo incômodo porque são organismos inabituais àquele sistema. Além do mais, não se tem conhecimento o suficiente para se saber o que esperar dos mesmos. Esses organismos passam a estar ali no dia a dia, no cotidiano, causando ansiedade em sua presença na perspectiva dos anfitriões, dificultando assim a integração desses novos membros no país na comunidade que os recebe.

Outros autores, como Castles, et al. (2014), ressaltam ainda aspectos desse cenário supracitado, relativamente ao Estado-nação, sendo este a forma predominante de organização política no mundo, tendo o papel de salvaguardar a segurança de seus cidadãos, e em certas condições, os migrantes podem representar uma ameaça a segurança nacional. Deste modo, Betts (2009) considera que a migração forçada está no cerne da política global. Em sua visão, o deslocamento mundial de pessoas em busca de proteção internacional é um problema também de caráter político. Isso nos leva a considerar a natureza complexa da migração forçada e sua constante mudança, além das diferentes perspectivas que podem ser tomadas concernente a esse tema.

Existem distinções dentro do movimento migratório, que geram definições diferentes nos termos em que são chamados cada grupo a partir do motivo que os levou a migrarem. Dentre eles, incluem-se os migrantes forçados e os migrantes voluntários. Todavia, é importante ressaltar que entre os investigadores do tema, ainda se encontram divergência nas abordagens a cerca da distinção desses grupos. Para Carling (2014) não existe uma diferença analítica

determinante entre a migração voluntária e forçada, pois o autor considera que ambas contém escolhas e limitações. Apesar da falta de consenso na comunidade científica a respeito da definição desses termos, compreende-se que tais distinções são feitas sobretudo por organizações legais, estatais ou internacionais, e muitas vezes, não são consideradas relevantes fora do contexto institucional (Ecke & Wirtz, 2021).

Sabe-se que ao longo da história das civilizações sempre existiram movimentos migratórios, entretanto, foi a partir do século XX que essas deslocções passaram a ser em larga escala, concomitantemente a elaboração social do conceito de cidadania, relacionado com o entendimento sobre nação (Santinho, 2016). Segundo Agadjanian (2018), ainda no século XX, muitos migrantes forçados eram originários de países em desenvolvimento, realidade que não se alterou tanto nos dias atuais, visto que grande parte desse grupo continua tendo a origem nessas áreas. De acordo com De Genova (2017), esses migrantes forçados habitualmente são provenientes de lugares de toda a África, Oriente Médio e Ásia, zonas definidas antes como colônias europeias.

A migração forçada é resultado de uma ameaça à existência humana. No âmbito mundial, ela é fruto do acúmulo de diversos acontecimentos globais, como inicialmente a guerra mundial, a guerra fria, uma série de conflitos internos em áreas específicas do globo, ocupações indevidas de territórios alheios, regimes autoritários, perseguição política, violações de direitos humanos, desastres naturais e desastres causados pelo homem. Frente a tantas ocorrências, é natural que o ser humano vá em busca de proteção, segurança e melhores condições de vida, deixando suas comunidades de origem e muitas vezes até suas famílias e entes próximos, se deslocando pelas fronteiras internacionais (Betts, 2009), sendo caracterizado como pessoa em situação de refúgio.

Nesse sentido, entende-se que os motivos da migração forçada variam de acordo com o período no tempo que ela acontece, o contexto e a localidade de sua ocorrência (Ecke & Wirtz, 2021). Esse conjunto de fatores produz pessoas involuntariamente desenraizadas, a fim de construir um novo começo com as suas próprias mãos, se submetendo a realidades muito mais duras do que a maior parte dos seres humanos teve de suportar. Dessa forma, percebe-se uma grande diferença entre os migrantes ditos voluntários ou econômicos, por um lado, e os refugiados, por outro, sendo esta a impossibilidade dos refugiados de retorno às suas origens, lugar que esses indivíduos se viram obrigados a deixarem, em busca de novos horizontes, novas terras; não de maneira voluntária, mas sim impelidos por fatores externos (Santinho, 2016).

A dispersão dos refugiados passou a se direcionar ao longo dos anos para diversos países diferentes (Kargin & Trix, 2021). Todavia, muitas vezes essas populações são forçadas a um

deslocamento inesperado e abrupto devido a uma culminação de fatores, gerando um ápice repentino e traumático (Agadjanian, 2018). A partir disso, o êxodo massivo inicial para os países vizinhos é muito comum, a fim de encontrarem o local seguro mais próximo. Segundo a UNHCR Global Trends (2021), 72% dos refugiados sob os seus cuidados estão acolhidos em países vizinhos, e 28% em outros países, ao que crescem os números dos deslocados internos.

O caso dos refugiados da Síria ilustra essa questão, visto que devido à guerra civil que eclodiu em 2011, buscaram abrigo seguro em países adjacentes como o Iraque, Egito, Líbano, Turquia e Jordânia (Saab, et al., 2020; Sığınmacı, et al., 2017; Rizkalla, et al., 2019; Aziz, et al., 2014). No entanto, esses países podem se tornar países de destino final, ou de estadia temporária, uma vez que os países industrializados e mais desenvolvidos são os mais buscados como terminal para os refugiados (Krohling & Maria, 2017).

São múltiplos fatores que definem o destino final dessas pessoas. A fim de fugirem da violência, apesar do desejo de permanecerem em sua origem, as pessoas em situação de refugiados têm seus caminhos traçados dependendo dos recursos sociais, econômicos e familiares, além das estruturas que os cercam, como os Estados, as ONGs e redes de apoio (Piguet, 2018).

Ao decidirem migrar para países distantes dos seus, esses indivíduos vão em busca de melhor qualidade de vida, as quais encontram em países com uma economia mais estável, baixos ou controlados índices de criminalidade, alta escolaridade populacional, como é característico em muitos países Europeus, levando um grande número de refugiados a buscarem exílio na Europa. No entanto, a abertura desses países para receber os requerentes de proteção internacional exige uma grande responsabilidade não só do Estado, mas também da população anfitriã, devido às consequências políticas, econômicas, culturais e de segurança do país de acolhimento (Krohling & Maria, 2017).

Por acordo internacional, é um dever fundamental do Estado conceder refúgio digno para aqueles que necessitam, se tornando assim o maior responsável por oferecer condições básicas de sobrevivência e segurança, não podendo enviá-los de volta (princípio de “não devolução”) para a zona de perigo de onde vieram (Krohling & Maria, 2017).

Entretanto, em função dos fluxos populacionais de exilados concentrados em países específicos em detrimento de outros, acaba-se por sobrecarregar as estruturas e sistemas dos países de acolhimento, ao alocarem essa demanda de pessoas carenciadas. Os migrantes forçados se deparam com países que não garantem seu acesso a inúmeros direitos básicos, como abrigos adequados, escolas, água e saneamento suficientes, não sendo capazes de dar resposta ao constante aumento da população (Castles, et al., 2014).

Uma das principais maneiras de alocar exilados que chegam em um fluxo transfronteiriço inesperado em massa são os campos de refugiados. Esse sistema facilita a gestão e proteção dos novos habitantes, fornecendo condições e cuidados básicos para o acolhimento e sobrevivência dos migrantes forçados. Entretanto, esse tipo de asilo é designado como um abrigo temporário, o qual possui mecanismos que restringem a liberdade de movimentação dos beneficiários, e limita o modo de assistência e integração dos indivíduos à sociedade no país de acolhimento. Em muitos casos, se torna um refúgio prolongado, restringindo as possibilidades de reestruturação e adaptação à nova conjuntura por parte do migrante forçado (Souza, 2017).

Outro motivo que causa um grau de limitação nos direitos dos exilados e condições concedidas à eles é o status migratório. Este deve ser assegurado pelas normas internacionais e nacionais de proteção e refúgio, consistindo em um estatuto jurídico específico que lhe dá benefícios e liberdades (Krohling & Maria, 2017). Quando a pessoa entra no país à procura de proteção internacional, este recebe o estatuto temporário de requerente de asilo, até a conclusão dos procedimentos legais para a nova determinação do estatuto de refugiado, que lhe retira os riscos de detenção e punição perante a lei e os sistemas e lhe concede o direito de cidadania.

No entanto, existem países que não ratificaram o Protocolo internacional que assegura o direito humanitário dos refugiados, como Estados Unidos, Iraque, Israel, Irã, Paquistão e Afeganistão (ICRC, 2022). Nesses lugares, a qualidade de vida e nem a integração dos migrantes forçados é assegurada pelo Estado. Como é o exemplo dos refugiados acolhidos no Iraque, em sua maioria sírios. Legalmente, o país só reconhece os refugiados políticos e militares, restringindo dimensões essenciais do processo pós-refúgio (Qadir, 2019). De acordo com o estudo de Aziz et. al (2014), a qualidade de vida, nos domínios físico, psicológico e meio ambiente, dos refugiados sírios alocados no Curdistão Iraquiano é mais baixa do que o da população geral.

Frente a essa conjuntura que apresenta inúmeros desafios, existem ainda outras dimensões essenciais na diferenciação que afeta os migrantes, sobretudo em sua vida cotidiana. Dentre eles a etnia, a raça, e também o gênero.

1.2. Gênero: A Mulher Muçulmana Refugiada

A Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, realizada em Viena (1993), demonstra sua preocupação à falta de igualdade de gênero, discriminação e violência direcionadas às mulheres e crianças do sexo feminino ao redor do mundo, especificamente no contexto das pessoas em situação de refúgio. A Conferência de Viena ainda ressalta de uma maneira especial essa

população, lembrando ser um grupo mais vulnerável, que precisa de uma atenção diferente, e assim propõe a aplicação de tratados em prol da luta igualitária das mulheres. Entretanto, é válido destacar que os aspectos específicos sobre gênero são importantes serem olhados não somente em termos de leis e do que se passa no papel, mas também em termos do que constitui essas vivências no real, nas experiências de cada mulher.

Gênero foi um termo adotado pelas feministas precursoras do movimento na América do Norte, após perceberem a necessidade de olhar para as mulheres de uma maneira especial, transformando a visão generalista adotada em uma visão mais distintiva e representativa. O termo empregado tinha o objetivo de enfatizar a organização social da relação e suas hierarquias entre os sexos, bem como o âmbito relacional das concepções normativas do feminino (Scott, 1995).

A literatura sobre gênero, nos dias de hoje, vem igualmente ressaltando e discutindo o tema da invisibilidade das mulheres, mas ainda sim, o domínio dos estudos migratórios possuía certa resistência para a integração de uma análise considerando gênero no fenômeno da mobilidade populacional forçada, e seus processos implicados e subjacentes (Perret & Melella, 2021). Enquanto mulheres, são diferentes razões que as levam migrar, de certa forma forçadamente, podendo ser à procura do acesso a educação, em fuga de casamentos obrigados, em busca de reunião familiar, ou como refugiadas. Os motivos que as levam migrar pode variar de acordo com as culturas e seus hábitos, sendo estes mais presentes em virtude do gênero. Esse aspecto pode ser foco de discriminação dentro da comunidade dos refugiados, além de ser notável que as regras de imigração consideram os homens como principais imigrantes, vitimizando e/ou subordinando as mulheres (Castles, et al., 2014).

Mulheres e homens possuem experiências sociais diferentes baseadas no gênero (Connell & Pearse, 2015), logo, ser uma mulher refugiada traz particularidades que valem à pena serem exploradas, sem ignorar o grau de vulnerabilidades desse grupo, mas não o colocando no centro. O gênero é algo intrínseco e problematizável enquanto refúgio, além de como problema social e estrutural. É um fator vivido antes, durante e depois da chegada no país de asilo (Santinho, 2016). Nos diferentes momentos da trajetória do refúgio, o gênero desempenha distintas atribuições (Perret & Melella, 2021).

A mulher refugiada nos dias de hoje ainda enfrenta muitos desafios que existiam antigamente, no início do aumento do fluxo migratório forçado. A literatura traz o relato de violência verbal, física, sexual contra a população refugiada feminina, uma violência baseada em gênero que sucede em diferentes estágios da migração, tanto no país de origem, durante a trajetória e até no seu destino final (Schmidt, 2003; Stamatel & Zhang, 2018; Rizkalla, et. al,

2019; Mwenyango, 2021). Dentro desta conjuntura, é inegável o impacto na saúde geral da comunidade feminina dentro desse contexto, sendo que os números e incidências são maiores ainda quando se trata do gênero, sobretudo com consequências como a elevada ocorrência de perturbações psicológicas, como PTSD e traumas associados à vivências de guerra (Renner & Salem; Rizkalla, et. al, 2019).

Em diferentes partes do mundo há uma marcada divisão entre os aspectos masculinos e femininos dentro das sociedades. Por exemplo, Connell e Pearson (2015) trazem a perspectiva no âmbito da força de trabalho, a representação do “trabalho de homem e o trabalho de mulher”. É problematizado que os homens ocupam majoritariamente os cargos remunerados, mais administrativos, técnicos, relativos a engenharia, contabilidade e a lei. Já as mulheres, ocupam funções nos trabalhos não remunerados, nomeadamente os trabalhos domésticos, de cuidado, limpeza, cozinha, tratamento de crianças. Esses ofícios são relacionados à significação cultural da mulher, enquanto um ser cuidador, afável, abnegado, amoroso. Essas definições fazem parte do sistema de gênero adotado por cada sociedade, os quais possuem suas diferenças e similaridades quando se tratam de sociedades Ocidentais e Orientais.

A visão sobre a mulher muçulmana advém de uma construção social e histórica. O seu papel, nas sociedades do Oriente Médio, que possuem como referência cultural o islamismo, é baseado no olhar patriarcal do Alcorão. O movimento do feminismo islâmico reivindica uma separação entre religião e cultura, a fim de provocar uma ressignificação na noção do papel da mulher nas sociedades islâmicas, através da análise atualizada dos materiais basilares da religião (Figueiredo, et. al, 2020), com o objetivo de gerar um espaço igualitário entre homens e mulheres (Santos, 2014).

De acordo com o autor Walther (1999), nos primórdios da civilização no Antigo Oriente, as comunidades que lá existiam já possuíam a visão, acentuada depois pelo Alcorão, de que os homens possuem uma diferente hierarquia social com relação às mulheres”. Nas sociedades islâmicas, as funções da mulher, como mães, irmãs e filhas são vistas dentro de suas relações familiares e definidos a partir de sua sociabilidade com os homens. Um dos papéis essenciais desempenhado pela mulher, segundo o islamismo, é o de esposa, com a orientação do Alcorão de que ela não se oponha ao esposo e seja submissa, além do dever de se estabelecer uma união com amor.

Na cultura das sociedades ocidentais o gênero também é marcado pelo sistema patriarcal, com papéis e valores assimétricos, e relações de poder, que colocam a mulher à margem ao longo da história (Zanello & Silva, 2012)

As relações sociais e de gênero nas sociedades Orientais são construídas com base na religião. Segundo o debate filosófico trazido por Santos (2014), de acordo com o multiculturalismo, a visão da mulher feita a partir de uma ótica colonialista, as distingue enquanto “dinâmicas e progressistas”, sendo liberais advindas das culturas ocidentais, e as não liberais, caracterizadas como “retrógradas e patriarcais” de origem não ocidentais. No âmbito crítico, essa visão pode ser considerada equivocada, e vale ressaltar a importância de que toda análise proposta seja feita sob uma ótica investigativa, e não estereotipada a partir da visão homogeneizadora dos países do Ocidente (Hall, 2020).

Quando as mulheres muçulmanas, ligadas a um sólido controle familiar e social, entram em contato com a sociedade de acolhimento ocidental e seus componentes socioculturais, elas passam a intencionar conquistar mais autonomia através das possibilidades de investir em sua educação e obter um trabalho remunerado, práticas que regularmente não são possíveis em seus locais de origem (Abranches, 2007). Porém, um fator comum entre ambos os sistemas de gênero é que as mulheres têm que superar obstáculos, que não são necessários aos homens, para chegar onde eles estão, e ainda sim muitas vezes não conseguem. Figueiredo, et. al (2020) afirma que precisa ser acrescentado “as assimetrias globais e hierarquias de poder entre países” dentro das interseccionalidades de sexo, raça e classe

A **interseccionalidade**, segundo Cho et al. (2013), é uma perspectiva que aborda distintos aspectos de um problema, com componentes dinâmicos, vivenciado por uma pessoa, ou um conjunto deles. Os elementos integrantes influenciam ações, relações e representações em dimensões variadas, como os sistemas, a política e a história. A abordagem aplicada da interseccionalidade tem sido usada para analisar uma larga gama de projetos e investigações, agregada com outras análises.

Ao incorporar gênero e religião como categorias de análise para o entendimento dos padrões do movimento migratório e os processos que nele envolvem, como o de identidade e aculturação, a interseccionalidade se faz uma abordagem apropriada. Essa análise a partir do modelo interseccional em outras investigações revelou que as experiências migratórias forçadas em busca de refúgio são delimitadas por múltiplos elementos de identidade que se transpassam e se sobrepõem (Fiddian-Qasmiyeh, 2020). De acordo com Perret e Melella, (2021), a mulher muçulmana refugiada está exposta a uma tripla vulnerabilidade, dentre outras a partir das particularidades de cada uma, considerando este um grupo não homogêneo, bem como uma população que deve ser analisada, com o objetivo maior de gerar uma colaboração para o suporte dessas mulheres, onde quer que elas estejam.

Não há soluções fáceis para um problema estrutural, em uma luta de décadas, com diferentes processos de opressão e exploração, e mecanismos de invisibilização dessas mulheres (Palacios Valencia, 2016; Perret & Melella, 2021). Todavia, a mulher refugiada continua revelando suas forças e potencialidades ao longo da história, utilizando recursos e mecanismos de enfrentamento positivos para lidar com os múltiplos desafios, com a esperança de um porvir melhor.

1.3. Processos Psicológicos Migratórios

Os processos psicológicos não ocorrem da mesma forma para todas as pessoas (Hall, 2020), entretanto, a ciência vem nos mostrando cada vez mais pontos que se repetem no comportamento e experiências dos seres humanos. Existem Processos Psicológicos que fazem parte do progresso na adaptação para os migrantes. Novos comportamentos, pensamentos e sentimentos surgem a partir da experiência de migração, a mudança de país e por fim todos os desafios que esse novo ambiente e condições de vida trazem, e as respostas dadas por esses indivíduos.

1.3.1. Choque Cultural

O **choque cultural** é descrito por Oberg (1954, 1960), o principal pioneiro deste assunto, como um mal que acomete aqueles que são “transplantados” para um país que não é o seu. Deslocar-se do país de origem, rompendo com aspectos culturais, tradicionais e convenções sociais, faz com que a pessoa entre em uma nova condição em busca de adaptação (Vascotto & Silva, 2021). A perda desses elos e símbolos familiares, os quais nos orientam para as situações cotidianas, seguido da inserção de novas instruções nas relações sociais de uma cultura desconhecida, pode resultar em um impactante estranhamento, gerando frustração e ansiedade, resultantes do denominado choque cultural (Oberg, 1960).

Segundo Ward, et al. (2001) “o contato cultural é inerentemente estressante”, e quanto maior a falta de familiaridade com quaisquer aspectos culturais que compõe a nova sociedade (como as questões físicas, linguísticas, educacionais, socioculturais, políticas), pode colaborar para esse choque cultural. Ou seja, quanto maior a distância cultural entre os dois indivíduos ou grupos, maior a dificuldade social experimentada. Em um estudo desenvolvido por Ward e Kennedy (1999), compreendeu-se que a aprendizagem para a adaptação sociocultural tem a

tendência de aumentar nos primeiros quatro a seis meses, diminuindo em seguida até o término do primeiro ano após a chegada.

Enquanto processo em reação ao contato com o novo grupo cultural, Oberg (1960) descreveu uma sucessão de etapas vivenciadas, sendo que a duração de cada reação é particular de cada indivíduo. No período inicial, mais especificamente nos primeiros dias ou semanas no novo contexto, se vive a chamada fase da lua de mel, onde o recém-chegado fica admirado com tudo, deslumbrado com tudo de diferente que ele interage. Em seguida, a próxima fase é caracterizada como “crise”, com atitudes agressivas e hostilidade direcionadas ao país de acolhimento. Os problemas se tornam o foco, e a tendência é que os indivíduos da mesma origem estrangeira se juntem para censurar o povo e costumes do novo país. O próximo estágio é uma recuperação, e começa após uma abertura da pessoa para o novo universo cultural, onde ele já obtém um conhecimento básico da língua, já faz atividades cotidianas com mais facilidade em interação com o ambiente anfitrião, lidando com as dificuldades com mais leveza e bom humor. O que nos leva à quarta etapa, quando a ansiedade e tensão já estão abrandadas pois existe uma aceitação dos costumes, hábitos, formas de se relacionar, cheiros e gostos, demonstrando um processo de ajustamento.

Em contraponto ao que foi trazido no início das investigações sobre o choque cultural, como sendo uma reação negativa influenciada por circunstâncias adversas (Oberg 1954, 1960; Adler, 1975; Church, 1982), atualmente, compreende-se que é um processo, realizado por parte do indivíduo que se encontra em um ambiente cultural desconhecido, como ativo em busca de lidar com as diferenças e grande mudança, ainda que esse ajustamento seja entendido como desafiador, estressante e trabalhoso (Ward et al., 2001)

Focando nas questões centrais dos estudos sobre o reassentamento dos indivíduos em um novo contexto cultural, e as interações associadas, Ward et al. (2001) propõe o modelo ABC para estudo e compreensão desse evento, o qual encontrou suporte na literatura por outros autores (Bochner, 2003; Furnham, 2010; Berry, et al., 2015; Mustafa, 2021).

No **modelo ABC** distingue-se três importantes componentes: o afeto, o comportamento e a cognição. Ou sejam, são nesses três domínios fundamentais que a mudança individual ocorre quando nos referimos ao ajustamento cultural. A maneira como o indivíduo se sente emocionalmente quando exposto e em interação com a cultura anfitriã tem a ver com a perspectiva afetiva, se concentrando no bem-estar psicológico e satisfação com a vida do migrante. Já como ele se comporta, isto é, as habilidades utilizadas ou aprendidas para lidar com o novo contexto na transição cultural, a comunicação verbal e não verbal, regras e normas, compete à perspectiva comportamental. E por fim, como ele processa as informações

interculturais, como pensa e percebe questões sobre si mesmos e sobre os outros, fazem parte dos aspectos cognitivos (Ward et al., 2001; Berry, et al., 2015). É relevante ressaltar que os ABCs encontram-se vinculados em outros referenciais teóricos a cerca do tema, nomeadamente, estresse e enfrentamento, aprendizagem da cultura e identificação social para aculturação (Berry, et al., 2015).

Variáveis de diferentes níveis influenciam nos resultados dessa transição, sejam elas internas do indivíduo ou externas, vindas do meio (Ward, et al., 2001). Cada pessoa, em sua subjetividade, tem seu grau e impacto específico do choque cultural. Durante essa exposição descrita em fases, podem se suceder intensas reações emocionais por envolver grandes mudanças de vida. O tempo e esforço utilizados pelo indivíduo para lidar, e se apropriar dos novos elementos podem ser determinantes. (Killick, 2008).

Todavia, é necessário considerar sobretudo a maneira em que o contato com o novo grupo cultural é iniciado, visto que existem diferentes grupos que passam por esse mesmo processo, como os imigrantes voluntários, os refugiados, os requerentes de asilo, os viajantes nômades, e cada um deles passa por esse processo com suas nuances diferenciadoras. Os refugiados, por exemplo, iniciam esse contato com a sociedade anfitriã de maneira involuntária, condição altamente relevante no desenrolar do processo (Sam & Berry, 2006).

1.3.2. Aculturação e adaptação

Em busca de aprofundar a investigação relativamente ao impacto da cultura no comportamento dos indivíduos, e nomear o resultado do encontro de duas culturas, dentro do campo da psicologia transcultural se desenvolveu o conceito de aculturação (Berry, 1997). De acordo com a OIM (2009) aculturação é o processo de adaptação realizado pelo migrante, dentro da cultura estrangeira, através do convívio e interação entre ambas as diferentes culturas. Ele é realizado de maneira gradual. A adaptação referida pode ser alcançada de maneira total ou parcial. Sam e Berry (2006) complementam a definição apresentada afirmando que o termo envolve todas as transformações que acontecem após o início do contato contínuo entre os indivíduos das duas culturas, e inclusive pode implicar a rejeição de elementos culturais ou a resistência a esses componentes.

Comportamentos surgem a partir da interação no mesmo espaço, em primeira mão, ao longo do tempo, de duas culturas em prol da adaptação no novo contexto sociocultural. Baseado nesse princípio, Berry (1970, 1987, 1989, 1997) define quatro estratégias de aculturação: **assimilação, integração, separação e marginalização**. Tais estratégias são tomadas pelo

migrante quando introduzido no contexto social e cultural da sociedade anfitriã, a fim de se adaptar, avaliando sobre as dimensões da manutenção de sua herança cultural, e iniciação ou continuidade da relação com a comunidade dominante. Nesse sentido, é relevante ressaltar que as estratégias podem ser adotadas a níveis individual, de grupo e sociedade.

Na estratégia da **assimilação** se opta por não manter a identidade cultural de origem e interage com a cultura dominante. A **integração**, considerada estratégia mais saudável e adaptativa, é quando a pessoa adota elementos da sociedade de acolhimento, enquanto a sociedade se adapta à cultura do indivíduo, e ambos dão continuidade às suas culturas. Ao passo que na **separação** o migrante mantém sua identidade cultural, todavia evita interação com a cultura dominante. E por fim a **marginalização**, onde não se tem interesse na manutenção individual, nem se há relações com a sociedade maior, devido a discriminação, por exemplo (Berry, 1970).

É significativo salientar que é necessária uma “acomodação mútua” entre os grupos/indivíduos etnoculturais não-dominantes e a sociedade dominante para que haja o multiculturalismo, condição mais apropriada de integração, apontando para a perspectiva **bidimensional**, onde ambos agem de maneira independente sem anularem suas respectivas culturas. Entretanto, isso só é possível quando já existe uma condição psicológica anterior na sociedade de acolhimento, como por exemplo da maneira que acontece no Canadá e na Austrália, locais que possuem as políticas nacionais de multiculturalismo (Sam & Berry, 2006).

É comum que alguns trabalhos apresentem a assimilação como sinônimo de aculturação, entretanto, segundo a teoria de Sam e Berry (2006), a assimilação é apenas uma etapa dentro do processo da aculturação, sendo este considerado contínuo, dado que a pessoa pode assumir diferentes estratégias em distintos momentos com a intenção de lidar com variadas demandas interculturais em diversos âmbitos da sua vida.

O modelo supra apresentado é uma representação do que ocorre com migrantes no geral. Entretanto, Berry (1991) descreve seis fases de aculturação específicas para os refugiados, que são elas: **pré-partida**, **fuga**, **primeiro asilo**, **período de requerente**, **período de acomodação** e **adaptação**. O autor afirma que todos os refugiados passam pelos estágios propostos, entretanto, não são todos que conseguem chegar à última fase.

A fase de **pré-partida** é aquela em que o indivíduo vivencia situações atribuladoras que influenciam não só o destino da migração, mas também o posterior andamento da sua aculturação. São essas experiências que culminam na **fuga**, passando assim para a segunda fase, onde a maioria passa por perigos, desafios e até traumas, além das importantes perdas, até chegarem ao **primeiro asilo** (Sam & Berry, 2006).

Como já foi explicado anteriormente, o primeiro ambiente em que a pessoa em situação de refúgio é acolhida no país estrangeiro nem sempre é aquele que ela irá permanecer a longo prazo, mas apenas um abrigo que irá lhe oferecer os cuidados básicos, como os campos de refugiados, ou um ambiente com um suporte mais adequado, porém provisório. Mesmo que as concepções e opiniões sobre a cultura e país de acolhimento já comecem a ser formadas antes da fuga, é nessa etapa que elas começaram a tomar forma para os indivíduos (Sam & Berry, 2006).

Em seguida, vem o **período de requerente**, o qual remete a questões dos direitos legais e institucionais de cidadania, referentes ao estatuto migratório no país anfitrião. Todavia, com relação a teoria da aculturação, a estratégia nessa fase é a de marginalização, visto que o país receptor separa a pessoa da comunidade dominante a partir do não acesso ao estatuto de refugiado (Sam & Berry, 2006).

A fase de **acomodação** ou **reassentamento**, é onde se constrói uma nova estratégia de aculturação a partir do posicionamento do Estado e do indivíduo em interação, em uma nova condição legal perante o Estado de acolhimento, caminhando para o momento de homeostase no processo adaptativo, onde existe a ideia e o sentimento de ser um membro daquele contexto, e não mais um refugiado (Sam & Berry, 2006).

A **adaptação** é o fruto da mudança causada pelo processo da aculturação, então os termos não são sinônimos (Berry, et al., 2015). Essa adaptação, no âmbito individual pode ser identificada a partir do estado de saúde emocional e física do indivíduo, da sua capacidade em se comunicar, do sentimento de aceitação e comportamentos adaptados com os princípios culturais dos anfitriões (Ward, 1996). Dando seguimento a esse conceito, faz-se ainda a distinção da adaptação psicológica, referente ao bem-estar emocional e psicológico da pessoa (sentir-se bem), e a adaptação sociocultural, relativamente a aquisição apropriadamente das habilidades socioculturais (estar bem) (Berry, et al., 2015).

1.3.3. *Coping*: as estratégias de enfrentamento para o reinventar

As pessoas refugiadas são uma população que experiencia grande número de adversidades, tanto antes quanto após o refúgio. Dessa maneira, eles são obrigados a adotarem diferentes estratégias de enfrentamento (*coping*) para suportarem as grandes mudanças e problemas em suas vidas, (Ward et al., 2001). Lazarus e Folkman (1984) foram alguns dos investigadores pioneiros no assunto, e afirmam que são esforços em constante mudança, utilizados no gerenciamento interno e externo de exigências excedentes para o sistema do indivíduo.

As estratégias de *coping* também correspondem à processos ligados à aculturação, dado que são mecanismos de enfrentamento empregados para organização e sobrevivência dos indivíduos (Schmidt, 2003). O problemas e transições, como as interculturais geram certo nível de estresse na pessoa, e essa reação exige uma resposta de enfrentamento, que para Berry (1997) são de âmbito afetivo, comportamental e cognitivo, como já explanado anteriormente no modelo ABC. Logo, para o autor, as estratégias de *coping* são percebidas como fatores moderadores durante a aculturação, as quais são utilizadas em meio ao estresse, visando a adaptação. O atual estudo tenciona dar foco nas estratégias de *coping* positivo utilizadas por mulheres refugiadas muçulmanas, as quais foram divididas em mecanismos com fatores de influência individuais, sociais e comunitários e religiosos.

Alzoubi, et al. (2017) descreveu algumas estratégias efetivas individuais utilizadas por mulheres refugiadas sírias presentes na literatura sobre o tema, como a atitude otimista, bom humor, resolução de problemas estruturada, investigação das emoções positivas e transformação da percepção de um evento para positivo. Todos se mostraram eficazes no alívio do sofrimento psicológico, e estavam relacionados com fatores de outros âmbitos. Berry, et al. (2015) afirma que existe uma associação entre fatores definidos largamente enquanto personalidade, correspondente aos individuais e pessoais, e aculturação, pois esses fatores funcionam como moderadores de enfrentamento em meio a um estresse aculturativo.

Com relação aos mecanismos de *coping* sociais e comunitários, Al-Smadi, et al., (2016) descreveu o engajamento em relacionamentos sociais, interação com as amigas. Salienta-se ainda que as mulheres têm a se focar em seus filhos e nas atividades domésticas como componentes do enfrentamento. Em sua investigação, utilizando a interseccionalidade entre gênero, migração e aculturação, Erdogmus (2021) ao olhar para o domínio social (relações sociais e atividades sociais) na experiência de aculturação e enfrentamento das mulheres turcas, foi ressaltado a interação com a própria comunidade migrante, interação dentro dos locais, atividades sociais e práticas de socialização, encontrando com frequência no relato das participantes o sentimento de receber apoio e empatia dos locais.

Aziz, et al. (2014) relata o seu estudo com refugiados sírios, e se depara com o resultado de que os participantes que se afastaram da guerra em seu país com familiares e amigos, se consideram no pós-refúgio mais satisfeitos com sua rede, relacionamentos pessoais e apoio, tendo esse fator uma ligação com a qualidade de vida dos mesmos. Tendo qualidade de vida, há menos adoecimento físico e psicológico. Os autores falam também em como os recursos sociais e comunitários auxiliam no reinventar com qualidade de vida pós refúgio. Fiddian-Qasmiyeh (2020), ressalta ainda a necessidade da análise dos recursos relacionais no contexto

pós-migração, com o objetivo de compreender o caráter e efeito das interações relacionais, as conexões e encontros, solidariedade mútua, não só entre indivíduos, mas das organizações, estado e sistemas também.

O *coping*, e na dimensão de religiosidade, em detrimento das outras categorias, é muito mais presente nas investigações nessa esfera (Benso et al., 2011; Santinho, 2016; Shaw et al., 2019; Santos & Delicato, 2021). É evidenciado o nível de importância da religiosidade para os refugiados enquanto parte da identidade (Erdogmus, 2021), estratégia para o processo de cura (Santinho, 2016), sendo por vezes a razão que motiva o exílio e que a que dá mais força, esperança e auxílio na resiliência no pós-refúgio (Santos & Delicato, 2021). A confiança em Deus para resolução de problemas e utilizar as orações e práticas religiosas como estratégias de enfrentamento, foram relatadas por mulheres refugiadas como manejo de estresse no estudo de Shaw et al. (2019).

Em seu estudo sobre mulheres muçulmanas iraquianas no Canadá e nos Estados Unidos, Lewis (2008) relaciona esse tema com a negociação da nova identidade no país de acolhimento, trazendo o conceito de uma identidade híbrida, como “árabe- nova nacionalidade” (i. g. identidade árabe-americana e árabe-canadense). Para o autor, o grupo étnico árabe partilha muitos elementos em comum, como a língua, os costumes e a religião, sendo esta última a base do compartilhamento de laços de comunidade. Logo, mesmo que existam as suas diferenças, a inserção do indivíduo árabe em um país também considerado árabe traz certa identificação, situação diferente quando se fala de um migrante com identidade árabe em um país ocidental.

Entende-se então que existem diferenças de gênero no processo adaptativo também. O estresse aculturativo e o ajuste psicológico são descritos por Yee (1990) como influenciados pela satisfação com atitudes e vivências no pós-refúgio pelas mulheres, apesar de elas relatarem maiores sintomas de estresse devido a mais exposição a situações traumáticas anteriores ao reassentamento do que os homens.

A literatura evidencia também uma diferenciação entre a experiência pós-refúgio das jovens em detrimento de mulheres mais velhas. As mulheres jovens, de acordo com a investigação e Lewis (2008), possuem uma percepção mais positiva das suas experiências e relações com o meio social e comunidade. Enquanto as mais velhas, por não utilizarem tantas estratégias de enfrentamento no âmbito social e comunitário, se sentem mais frequentemente às margens da sociedade anfitriã.

Apesar de muitas vezes tais fatores serem investigados separadamente entre os indicados, e outras vezes se encontrarem misturados e não discriminados nos achados das investigações com refugiados, o intuito deste trabalho é clarificar e diferenciar tais estratégias na narrativa

das participantes, a fim de facilitar o entendimento sobre os principais elementos que auxiliam na reestruturação pós-refúgio.

1.4. Reinventar uma forma de viver

Uma vez estar-se tratando da adaptação e ajuste transcultural, em sociedades com culturas, línguas, crenças e valores, religião tão distintas daquelas de origem das mulheres refugiadas estudadas, pensa-se no grande desafio de tornar a inventar, reelaborar com uma nova abordagem, ou reinventar uma forma de viver em um novo ambiente intercultural, após um árduo desequilíbrio.

O termo reinventar foi bastante inserido no discurso da literatura científica brasileira nos tempos de crise em virtude do Coronavírus. Várias investigações (Gontijo & Matias, 2022; Alves et al., 2021; Burigo & Porto, 2021; Tavares, 2021; Cardoso et al., 2020; Costa et al., 2020) utilizaram a palavra reinventar para se referirem a algum desafio ou necessidade colocados pela realidade ameaçadora, e que se desejava ultrapassar, exigindo uma reconstrução.

O grupo de refugiadas é tão heterogêneo quanto o resto de uma população. Apesar das características e elementos que as unem, cada uma possui sua experiência particular, com seus traumas, sofrimentos e perdas. Essas mulheres tiveram suas narrativas de vida rompidas violentamente, e no momento pós-refúgio, se veem, apesar das dificuldades e obstáculos, com a missão de fazerem uma nova narrativa de suas próprias histórias, olhando para as suas forças e competências, a fim de realizar um processo de cura (Santinho, 2016) por si próprias e por suas famílias. Logo, o termo reinventar foi utilizado para descrever a tarefa que as mulheres implicadas nesse processo possuem de elaborar uma reconfiguração identitária, após uma crise, com as estratégias individuais, o auxílio de outras pessoas e serviços, e suas crenças religiosas.

1.5. Objetivo e Perguntas de Investigação

Invocar os conceitos desenvolvidos nessa revisão de literatura não tem por propósito centralizar os recursos nas diferentes áreas apontadas ou centralizar a mulher refugiada em si, mas sim a maneira como esses itens se conectaram ao longo do tempo, trazendo o resultado do reinventar do eu, ou o possível caminho para ele. O engajamento de cada mulher é essencial nesse processo, mas é acompanhado de vários outros fatores, principalmente externos, que irão determinar o resultado de sua integração e adaptação na nova sociedade.

A presente investigação busca uma perspectiva positiva desse processo, o qual foi escolhido indiretamente por cada mulher, quando elas tomaram a decisão de se desenraizar de sua terra natal. Portanto, esse estudo pretende apurar as seguintes perguntas de investigação:

- Que fatores individuais são identificados pelas mulheres como estando relacionados com o processo de adaptação na migração?
- Que aspectos dos recursos comunitários e das redes de suporte são identificados pelas mulheres como mais associados à sua adaptação?
- Que papel as mulheres atribuem à religião no ajustamento pós-refúgio?

Capítulo 2

MÉTODO

A presente investigação utilizou a abordagem qualitativa, uma metodologia muito usada na Psicologia (Holanda, 2006) a fim de obter uma compreensão mais detalhada das perspectivas, atitudes, e significado atribuído dos/as participantes às suas vivências (Ravitch & Carl, 2021). Alguns estudos recentes com a população em refúgio têm optado também por esse tipo de abordagem para investigar estratégias de *coping* (Zbidat et al., 2020; Walther et al., 2021), bem como a integração de pessoas refugiadas nos países de acolhimento (Dubus, 2020; Vasthagen et al., 2022).

2.1. Participantes

A amostra do presente estudo foi composta por 14 participantes, os quais de encaixaram nos critérios estabelecidos para participação nessa recolha de dados. Relativamente aos parâmetros de participação, foi considerado serem mulheres, maiores de 18 anos, muçulmanas, que necessitavam de proteção internacional, e que não possuíam nenhum problema de saúde relevante.

As mulheres em questão tinham entre os 19 e os 49 anos ($M=29.64$; $DP= 11.53$). No que toca ao estado civil, 6 estavam solteiras (43%), 7 casadas (50%) e 1 viúva (7%), sendo 57% mães. Quanto às habilitações literárias, 21% nunca frequentou o ensino regular, 21% concluiu apenas o ensino básico, 36% estavam a cursar ou haviam concluído o ensino secundário, e 21% estavam na universidade. Dentre as participantes, 3 eram de nacionalidade nigeriana e 11 de nacionalidade síria.

No que concerne às características de migração da amostra, todas foram forçadas a migrarem por motivos de conflito armado e/ou guerra em seus países de origem, sendo que 64% estavam instaladas em campos de refugiados, e 36% em comunidades locais. O tempo médio de situação de refúgio era de 9 anos. Dentre os países anfitriões atuais temos: Chade (3), Iraque (7), Canadá (2), Alemanha (1) e Austrália (1).

Tabela 1. Informações Sociodemográficas das participantes.

Participante	Idade	Estado civil	Filhos/ quantidade	Nacionalidade	País Anfitrião	Tempo no país anfitrião	Local de moradia atual
1. KA	21	casada	sim/7	Nigeriana	Chade	7 anos	Campo de refugiados
2. ZA	42	viúva	sim/9	Nigeriana	Chade	8 anos	Campo de refugiados
3. HY	49	casada	sim/9	Nigeriana	Chade	6 anos	Campo de refugiados
4. SO	20	solteira	não	Síria	Iraque	7 anos	Campo de refugiados
5. ER	20	solteira	não	Síria	Iraque/Austrália	6 anos/3 anos	Comunidade local
6. HO	45	casada	sim/5	Síria	Iraque	7 anos	Campo de refugiados
7. KS	20	solteira	não	Síria	Iraque/Alemanha	5 anos/4 anos	Comunidade local
8. RI	19	solteira	não	Síria	Iraque	9 anos	Campo de refugiados
9. ML	36	casada	sim/5	Síria	Iraque	9 anos	Campo de refugiados
10. JZ	20	solteira	não	Síria	Iraque/Canadá	5 anos/4 anos	Comunidade local
11. DH	21	solteira	não	Síria	Iraque	9 anos	Campo de refugiados
12. SD	47	casada	sim/4	Síria	Iraque/Canadá	5 anos/4 anos	Comunidade local
13. HM	20	casada	sim/1	Síria	Iraque	6 anos/3 anos	Comunidade local
14. AD	35	casada	sim/5	Síria	Iraque	9 anos	Campo de refugiados

2.2. Instrumentos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com base em um guião (**Anexo C**) elaborado focando nas questões centrais do estudo, a partir da revisão de literatura sobre o tema, com a intenção de dar voz às mulheres necessitadas de proteção internacional. O documento em questão foi dividido entre perguntas introdutórias sobre a experiência de migração forçada e diferenças de gênero nesse contexto, em seguida, perguntas acerca dos recursos individuais, logo após perguntas sobre os recursos sociais e comunitários, posteriormente sobre os recursos religiosos, e por fim, questões conclusivas do momento de entrevista. A entrevistadora dispunha do guião em português, inglês e francês.

2.3. Procedimentos

Essa investigação começou a ser operacionalizada com o recrutamento das participantes. A amostra foi por conveniência, a partir de contactos próximos às participantes, que contribuíram como ponte para o diálogo. Foram ainda utilizados contactos anteriores da investigadora no Iraque, aquando da participação desta num projeto social no campo de refugiados.

Todas as entrevistas foram marcadas de acordo com a disponibilidade das participantes, e foram realizadas online, através de vídeo chamada. Contaram também, com tradutores de curdo, árabe, pidgin e hauçá, quando houve necessidade. É importante destacar que, antes do início da entrevista, foi apresentado um Termo de Consentimento Informado (**Anexo A**) que garantiu às participantes a não existência de riscos significativos, o caráter voluntário, anônimo e confidencial do estudo, bem como a liberdade na desistência a qualquer momento, e por último a autorização da gravação de áudio do momento da entrevista. Também as pessoas interpretes foram informadas dos objetivos do estudo, do seu caráter confidencial e deram consentimento para a sua colaboração no mesmo. As pessoas interpretes eram elementos técnicos dos campos de refugiados onde estavam as participantes e/ou elementos da comunidade que constituíram os pontos de contacto para a disseminação do estudo e recrutamento.

A investigação contou também com um Questionário Sociodemográfico (**Anexo B**), que foi completado pela entrevistadora ao questionar verbalmente as mulheres, antes do início efetivo da entrevista. Ambos os documentos supracitados tinham versões em português, inglês e francês.

2.4. Análise dos Resultados

Os áudios das entrevistas foram transcritos e os nomes das participantes e ficheiros decodificados para se preservar o anonimato das mulheres entrevistadas. Deu-se preferência para a transcrição do francês e inglês na íntegra. Optou-se pela utilização do Software NVivo para a realização da análise temática do conteúdo gerado através das entrevistas.

De modo a examinar os dados obtidos por meio das entrevistas, foi utilizada a análise temática de Braun e Clarke (2006). Esta análise consiste na investigação de temas ou categorias temáticas, através dos seis passos descritos pelas autoras: 1) a familiarização com o conteúdo através da leitura analítica das entrevistas; 2) a codificação preliminar sistemática; 3) a reunião de dados para cada possível tema; 4) a revisão dos temas já identificados afim de criar um mapa temático de análise; 5) a avaliação contínua para a especificação dos temas; 6) uma última verificação com seleção de enxertos, relacionando as informações com a literatura. Também foram utilizados elementos da análise de conteúdo (Bardin, 2008) para trabalhar o material textual.

Capítulo 3

RESULTADOS

A análise temática do conteúdo gerado através das entrevistas deu origem a seis domínios ou categorias principais, designadamente: 1) O reinventar; 2) Segurança; 3) Aculturação e adaptação; 4) Recursos Individuais; 5) Recursos Sociais e Comunitários; 6) Recursos Religiosos. Após leitura e apropriação dos dados, foi desenvolvido ainda um dicionário de categorias, que se apresenta no **Anexo D**, com a discriminação de cada domínio, sua definição e subcategorias.

É importante ressaltar ainda que optou-se por dispor das citações das participantes na língua que a entrevista foi realizada (inglês ou francês), não realizando assim a tradução dos excertos selecionados para o português. Houve preferência por esse método afim de minimizar a perda de conteúdo das narrativas das entrevistadas, dado que tal situação ocorre naturalmente com o processo da tradução, visto que em algumas entrevistas, foi necessário a presença de um a dois intérpretes.

É relevante declarar também que alguns temas apareceram em simultâneo nas falas das participantes, e possuem suas especificidades, considerando o contexto em que elas se encontravam, como campo de refugiados ou comunidade local, e se eram mais jovens ou mais velhas. Algumas unidades de análise foram consideradas para mais do que uma categoria, não sendo mutuamente exclusivas.

Com o propósito de estruturar e organizar as categorias e subcategorias de uma maneira compreensível, foi elaborado um mapa temático, conforme a **Figura 1**.

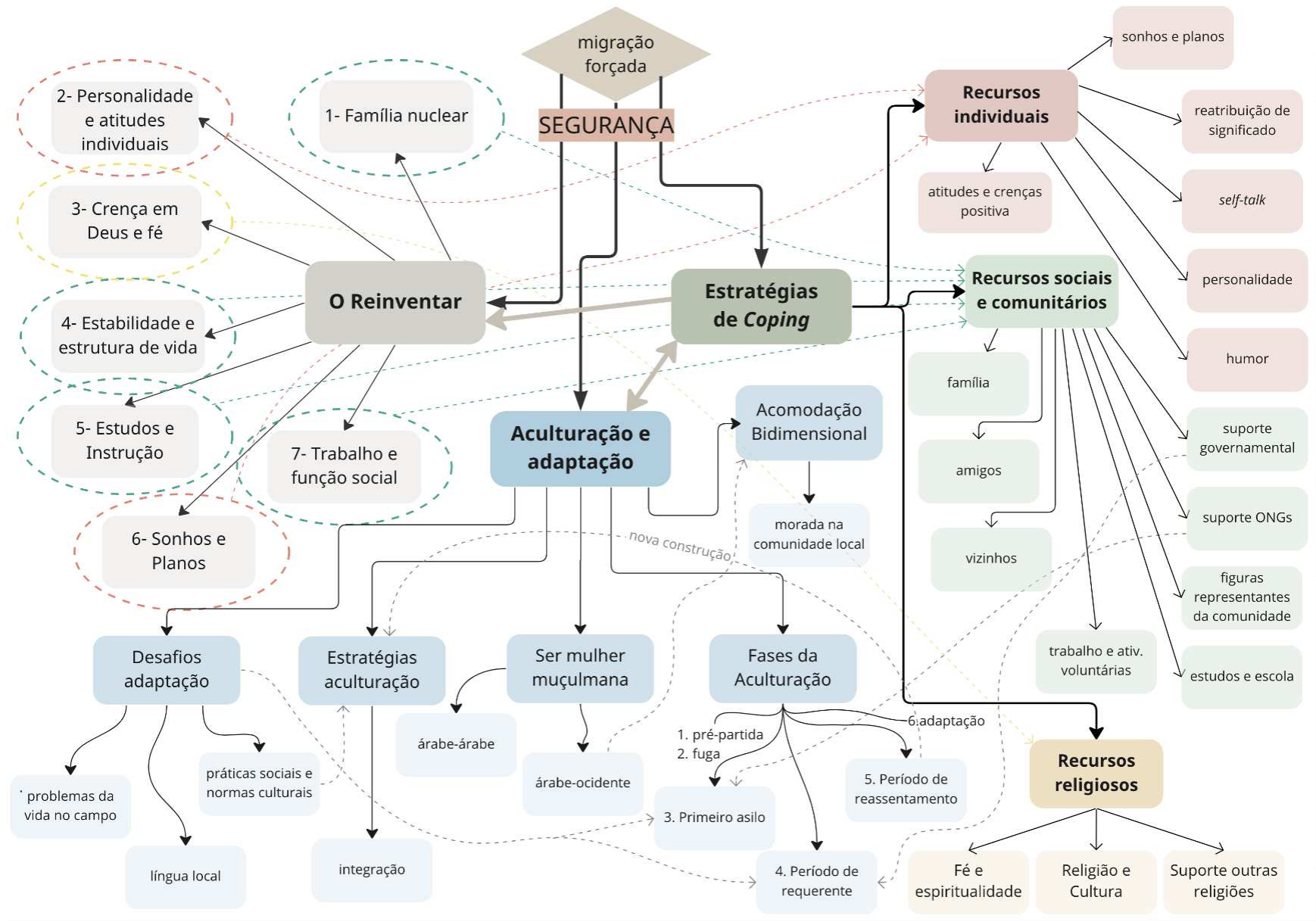


Figura 1. Mapa temático

3.1. O reinventar

Essa categoria se refere aos aspectos mais importantes, de acordo com cada participante, que colaboraram para o reinventar no novo contexto de vida, ou seja, o que as auxiliou a construir uma nova vida no país anfitrião atual.

Foi identificado que cada participante possuía uma definição para si sobre o reinventar pós-refúgio, possuindo assim particulares estratégias para o mesmo. Portanto, foi possível elencar sete fatores que auxiliaram as participantes no reinventar, por ordem decrescente de frequência, nomeadamente: 1) Família nuclear; 2) Personalidade e atitudes individuais; 3) Crença em Deus e fé; 4) Estabilidade e estrutura de vida; 5) Estudos e instrução; 6) Sonhos e planos; 7) Trabalho e função social.

3.1.1. Família nuclear

A família nuclear foi destacada como principal elemento do reinventar, sendo este recurso salientado por 11 entrevistadas, tendo a maior frequência na categoria O reinventar.

A definição de família nuclear foi identificada na qualidade de casal de adultos e filhos, e nessa subcategoria foi mencionada enquanto, pai, mãe e irmãos para as mulheres solteiras, e marido e filhos para as mulheres casadas.

As mais novas, no geral, afirmaram que enxergavam a família como um fator principal, uma vez que não precisavam se preocupar com alimentação e trabalho, apenas com os estudos, devido ao suporte da família:

Also, I have a brother that, sometimes I call him a mountain, because he was the biggest support for me. He was this guy that he had this different mind between all the people around him. He's living with the sheeps, you know, goat and sheeps. And he was working as crazy. He was working a lot to get money. And he was just coming and supporting me. And he was like, 'you don't have to think about anything. You just study, you just achieve what you want and I'm here for you'. So this guy... If I thank anyone, it will be my brother (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).

All I had to worry about is how I will get to school and how I came back, because I had to learn how to use the bus and I had to know what stop I have to stop at. And after coming back from school, what path should I take? So all I have to do, basically is just how to get to school (Participante 10- JZ, 20 anos, Canadá).

Já para as mulheres com filhos e esposo, a família foi descrita como fonte de força, alegria, companheirismo e razão para o reinventar:

Life will not be beautiful like now. I will be not happy if I immigrate by myself like alone. When you have some people around, you know them and when they are your family, it's better. Because when you immigrant somewhere, when you have somebody, you feel support, you feel supported, not when you are alone. When I see my family with me here, my husband, I feel like strong, I am not alone. But when I am alone, I will go in depression, I am sure (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).

A família alargada também foi citada durante as entrevistas, especificamente tios e tias, primos e primas, avós. Todavia, não foram associados diretamente com o reinventar pelas participantes:

I think it's only, like... because I'm with my family, they helped me. So the reason (that helped to reinvent herself) is my family. If I was alone, with another... with my cousin or my aunt, it would be different (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).

3.1.2. Personalidade e atitudes individuais

Essa subcategoria referiu-se às perspectivas pessoais de cada participante, às características psicológicas que definem o padrão de pensamento, sentimento e ação, ou a personalidade. As atitudes e crenças subjetivas frente à nova situação de vida, com a intenção de se reinventar. Esse tema está ligado com os relatos de autoconfiança e autocuidado, motivação interna de superação e independência.

Tradutor: So, first thing is her confidence, she was very confident. And the most important that she mentioned is that she starts to accept 'this is the truth', the true it is the fact that she lives in. So she had to accept this, and she had to face it. So she had to face she wasn't in that [...] to gain in this situation, but then she faces and she had to think like, 'nothing will destroy me'. Instead of she surrenders, she said... So she wants to continue studying, her education and go ahead with her normal life. So tomorrow if she will come back to her home country, she can serve her country with her education. She can help herself with her education. This is better than surrender (Participante 13- HM, 20 anos, Iraque).

Entrevistador: What is, in her opinion, the most important thing that helped her to rebuild her life, to reinvent herself in Kurdistan?

Tradutor: Her personality became better. And she depended on herself.

Entrevistador: So what became better?

Tradutor: Her personality... Her personality became better, became stronger, and... She became dependent on herself. And trusting in herself and trusting in God. (Participante 9- ML, 36 anos, Iraque).

3.1.3. Crença em Deus e fé

O terceiro fator mais destacado no âmbito da colaboração no reinventar, foi a crença em Deus e a fé. O que resume essa subcategoria são as falas relacionadas à confiança de que Deus as tiraria da situação adversa vivida, a atribuição das coisas positivas; mesmo em meio às tragédias, há Deus, a crença de que Deus trouxe o sucesso dos planos e investimentos na nova vida pós refúgio, e a fé de que é Deus quem decide o futuro delas.

Tradutor: Elle a dit vraiment Dieu merci. Il est vrai qu'elle a perdu son mari là-bas au Nigeria, mais elle est arrivée ici au Tchad avec ses enfants. Il n'est pas facile de vivre avec 06 enfants sans leur papa et sans mari a la maison (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).

Yeah, like stronger relationship with God. Before I came to Canada and before I left Syria and because hardship trip I do it like when I left Syria to Erbil, to Hawler, to refugee camp. I will always trust the God that finally I will be fine with my family and I think that God do that for me. Because in refugee camp all the days I spent in the refugee camp with my family was...I will not forget that days, because for mother and her children it was so hard days for me. So I think that God gave me a lot when he bring me to Canada. I don't know. I think that. I thankful for God for coming to Canada, for my family, for my children (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).

3.1.4. Estabilidade e estrutura de vida

Ao se referirem sobre o reinventar, as participantes assinalaram também a estabilidade e estrutura de vida, considerando os elementos que são componentes dessa estabilidade, como a habitação, trabalho, amigos, condições financeiras e econômicas.

Entrevistador: So, having this kind of structure and new opportunities, you think that helped you to reinvent yourself... To rebuild yourself... to this new life, that the future is showing you, that Canada is offering to you? (Breve resumo do que foi dito pela participante)

Participante: Yeah, because here offering for me stability, for me and my family. So I can think like, what I want. Yeah (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).

A segurança também foi considerada integrante desse tema por ser relacionada ao reinventar, sendo este um elemento julgado crucial na estabilidade de vida no país anfitrião.

Entrevistador: What is the thing that she thinks that is the most important thing that helped her to rebuild this life, to reinvent herself, to be a new woman in Kurdistan.

Tradutor: *Safety!* (Participante 14- AD, 35 anos, Iraque).

Tradutor: *Elle dit que financièrement elle a vraiment une vie stable. elle et ses enfants peuvent manger 03 a 04 fois par fois, dont elle est vraiment contente pour ça. Elle pense qu'elle a une vie meilleur pour les raisons suivantes: 1- elle a la sécurité, ici il y a une grande sécurité des personnes, 2- Il y a la protection ici au Tchad, et 3- le Commerce qu'elle fait ici et qui lui permet d'avoir des ressources financiers pour sa famille* (Participante 3- HY, 49 anos, Chade).

Para aquelas que estão em comunidades de acolhimento, em particular, o fato de possuírem um apartamento para morar, com boa infraestrutura, não ter mais que se mudarem novamente. Outras que ainda habitam no campo de refugiados, acentuaram a ausência de estabilidade devido a conjuntura do acolhimento no campo.

But we came to here, we knew that here became our new home and we are safe here and we don't have another place to run to, to go, to run and here's the final point. Here we don't have to run again. And... The final level. Here we can live, here we can live our life and be a normal family (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

I would say...I do have (problemas de saúde), I do have with the family, with the situation they are in, like you never feel stable (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).

3.1.5. Estudos e instrução

Nessa subcategoria, foi considerado como um importante aspecto que auxiliou no desafio de tornar a inventar os estudos na escola regular em diferentes níveis, bem como o poder proporcionar estudo para os filhos, e formações profissionais, que também são uma forma de estudo e instrução, relatado como um capacitador para o mercado de trabalho, tendo como exemplo cursos de cabeleireira, costura, para atuação na ONG local, entre outros.

Entrevistador: *What do you think that is the most important thing that helped you to rebuild this new life in Australia?*

Participante: *I think studying in here. Open the eyes.*

Entrevistador: *Open the eyes.*

Participante: *Open the eyes and see the people, What was happening in the world* (Participante 5- ER, 20 anos, Austrália).

Tradutor: *Elle vous remercie beaucoup. Elle est vraiment contente aujourd'hui. Puisqu'elle a pu étudié jusqu'a avoir un diplome. Elle est vraiment contente pour cela.*

Elle remercie beaucoup le gouvernement tchadien et tous les humanitaires qui viennent les apporter l'assistance, l'éducation, la santé. Elle dit qu'elle ne savait pas qu'elle pouvait quitter le Nigeria, venir au Tchad avec sa famille, voir ses enfants aller à l'école. (...)Elle a aussi fait une formation professionnelle: la Couture. Et elle a même une machine à coudre chez elle à la maison, qui lui permet de coudre les habits pour les enfants, pour les femmes et pour les hommes (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).

3.1.6. Sonhos e planos

A subcategoria de sonhos e planos foi definida com os objetivos que cada mulher possuía, os quais as auxiliaram na reconstrução, o ter um projeto de vida brevemente traçado por elas, e o não deixar os sonhos e persegui-los.

Participante: Many friends or people that I know, when they come, they say 'we don't need to study', 'we left our country', so just they leave their dreams. But I was always looking for them.

Entrevistador: So you had always your dreams on your mind and you were looking for realize your dreams and study and to accomplish your goals?

Participante: Yeah (Participante 4- SO, 20 anos, Iraque).

Trying to adapt as fast as possible. And don't think much about the past of your life... Adapt to that new life you are living and move with it. Because in my mind, in my head, before I moved to Canada, that's all I had. Like, I already planned, like, 'I'm going to study and I will have a better life there'. And I kept that line with me, like, the whole time (Participante 10- JZ, 20 anos, Canadá).

What I dreamed... like, 'take it'. Like, 'don't stop'. 'Oh, I left Syria, so I'm going to stop all my dreams'. No! Let's continue our dreams and get it (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).

3.1.7. Trabalho e função social

Por último, um fator menos destacado do que os outros, porém, de grande importância também, foi o trabalho/função social. Uma minoria das participantes possuía um trabalho, sendo esta uma das justificativas para que essa subcategoria tenha tido menos ocorrência do que as outras, se tratando dos fatores que as auxiliaram no reinventar.

Essa subcategoria consiste do trabalho formal, ou o comércio de itens confeccionado por elas próprias, bem como, uma posição na comunidade com uma função social como a

conscientização de mulheres, conjuntura mais especificada e presente no contexto dos campos de refugiados do Chade.

Tradutor: Elle dit que vraiment elle va commencer avec la sensibilisation. Et chaque samedi et dimanche elles se réunissent dans le Mini-centre des femmes, pour discuter entre elles sur leur avenir, si elle trouvent de l'argent réfléchir sur comment elles vont faire le commerce. Elle fait ainsi la sensibilisation. Le Camp est divisé en Bloc et dans chaque Bloc il y a une représentante des femmes avec qui elle fait la sensibilisation pour provoquer de meilleurs changements et dans l'avenir avoir les mêmes droits que les hommes (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).

Tradutor: En effet quand elle était au Nigeria elle était fabricante de filets de pêche. Le filet de pêche est un instrument que les pêcheurs utilisent pour la pêche dans les rivières et dans la mer. Donc quand elle est arrivée ici au camp elle a recommencé la même activité pour avoir des ressources financières. Au début les ONG lui ont donné l'argent pour acheter l'ensemble des matériels pour lancer cette AGR. Chaque samedi elle va au marché pour vendre les filets de pêches qu'elle a fabriqués. Elle dit que les gens achètent tout son matériel et elle est très contente (Participante 3- HY, 49 anos, Chade).

3.2. Segurança

O tema da segurança teve uma frequência maior do que o esperado na narrativa das mulheres. Apesar da segurança ter sido realçada como aspecto importante para o reinventar no novo contexto de vida, como já explanado e ilustrado, esse assunto foi relatado na maior parte dos casos enquanto forte motivação para a migração do país de origem frente às circunstâncias de guerra, como razão de permanência no país de acolhimento, apesar das dificuldades e problemas enfrentados em diversas esferas da vida de cada uma, como um dos fatores que torna a vida melhor.

Can't say that a lot of members of my family, I'm thankful for that, but a lot of people died. And that was the reason that there was no a lot of production and safety in my country. And then we decided to go to Kurdistan, maybe for a better life, because in Syria, in my country, there were no work. Even when we went to the school, that was not safe (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

Tradutor: Quand elle était au Nigeria elle faisait du commerce et beaucoup d'autres activités malgré le fait qu'il y'a beaucoup de problèmes de sécurité au Nigeria. Et elle a tout perdu dans l'attaque des Boko-Haram. Mais elle se sent bien ici au Tchad parce qu'il y a une grande sécurité et elle se sent en grande sécurité et ceci est très important pour elle et représente un changement et une grande différence pour elle (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).

Entretanto, essa temática também esteve diretamente relacionada com o sentimento de medo na narrativa das mulheres, e particularmente para aquelas que são mães, foi um assunto ligado à importância da proteção da família.

No entanto, quando o assunto da segurança era abordado com relação aos campos de refugiados, foi encontrado contrastes no relato, que ora eram positivos, e ora negativos:

Tradutor: *She decided and than, she came to here, because it's more... There's safety for her children.*

Because of that, immigration is for the safety. For her family, the safety is better. But immigration is not that good, living in camps. And... we are not refugees, we request for being refugees and it's not like, good life, actually. (Participante 9- ML, 36 anos, Iraque).

Tradutor: *'And the best thing that happened with us, we had safety. We saw the safety from Kurdistan and the camp'.*

So for her, in the beginning, to live like in a camping environment, it was very difficult, but for her, it was worthy because it was safer than back in Syria (Participante 14- AD, 35 anos, Iraque).

3.3. Aculturação e adaptação

Este foi o domínio mais referenciado no relato das experiências das participantes, tendo seus aspectos sido mencionados em todas as entrevistas, se repetindo em diferentes âmbitos das narrativas.

Essa categoria foi compreendida enquanto o processo para a adaptação no país de acolhimento, iniciado a partir do momento que se entrou em contato com a nova sociedade anfitriã, bem como todas as nuances e componentes do mesmo.

Foram estabelecidas cinco subcategorias para esse domínio, designadamente: 1) Desafios para a adaptação; 2) Estratégias de aculturação; 3) Ser mulher muçulmana; 4) Acomodação Bidimensional; 5) Fases da Aculturação.

3.3.1. Desafios para a adaptação

Esse subtema traduziu as dificuldades e problemas mais expostos pelas mulheres em situação de refúgio, em busca de ajustamento no país anfitrião.

As participantes que já haviam passado por outras experiências prévias de adaptação em outras culturas, revelaram ter mais facilidade em se adaptarem em experiências posteriores, na comunidade de acolhimento em outro país:

You want the difference between me and, like, the JZ 20 that was me one Canada and the one now? I'm more adaptable. Like, I was adapting everything at the beginning, but, you know, everything was so new. And when you look around you, I saw people, they're more settled down. For me, everything was new. I wanted to make friends so that, you know I know everything fast because through people, you learn so much (Participante 10- JZ, 20 anos, Canadá).

É necessário ressaltar ainda que no tocante a adaptação, algumas entrevistadas mais novas salientaram que parte do processo de adaptação vivenciado por elas perpassou pela fase de vida da infância e adolescência, sendo assim aspectos importantes ao serem comparadas com aquelas que já chegaram após essa fase no país de acolhimento.

Tradutor: So she's saying now she's the people, the country. She's used to here (Iraqe) more than Syria (país de origem). She likes here more than Syria. Because when they came here, she was just like eleven years old, something like that. She was eleven years old. And that time, her mind was... her brain wasn't that much grow up to realize things... family, home, country. She was not realizing this. But here she just grow up and her friends start to be used to these things like the country, the culture. And when she started to relate this, she was here already. So now she started... She loves Kurdistan more than their Syria (Participante 13- HM, 20 anos, Iraque).

a. Problemas da vida no campo – todas as participantes enumeraram diversos problemas quanto à vida no campo dos refugiados. As adversidades citadas corresponderam as instalações no campo, ou seja, as acomodações relacionadas às tendas e casas de banho, infraestrutura de acolhimento nos campos, alimentação, falta de trabalho, falta de recursos e assistência nos campos.

Tradutor: La différence qui constitue un grand problème est la situation du travail. Au Nigeria elle pratiquait facilement l'agriculture, elle semait beaucoup de choses dans ses champs, elle faisait du jardinage autour de sa maison. Et cela lui permettait de vendre des petits produits au marché. Ce petit commerce lui permettait a elle et a sa famille de manger 03 fois par jour. Et ici au Tchad c'est très dure, nous sommes seulement ici au camp de refuge, nous n'avons pas le droit de sortir, nous n'avons pas le droit de cultiver les terres, ils n'ont pas le droit de faire du jardinage, ils peuvent pas faire du commerce dans les marches qui des villages tchadiens qui sont a côté du Camp. Cette situation fait une grande différence dans notre vie: au Nigeria nous mangions 03 fois par jours, mais ici au Camp nous mangeons seulement une fois par jours puisque la ration alimentaire données par le PAM est très insuffisante et nous n'avons pas le droit de faire des activités pour avoir plus de choses a manger (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).

Tradutor: *It's hard for her. Like, the first when we came to Kurdistan, we lived in a tent. And in winter we didn't have water or anything. We lived in tent, for 6-7 years. And its hard for her* (Participante 6- HO, 45 anos, Iraque).

b. Língua local – a aprendizagem da língua local, ou do sotaque regional, foi um dos desafios mais citados. Os idiomas em questão eram o inglês e o alemão, para aquelas que estava em países do ocidente, e o curdo Sorani para aquelas que se encontravam no Curdistão. Algumas que já dominavam o inglês, e afirmaram que facilitou na adaptação. As mulheres nigerianas que habitavam no Chade não relataram esse tipo de desafio.

I think the kurdish language, like, learn to speak like them, because it's hard for me. It's the hardest challenge in my life here, because my family is here with me. I have a friend, so just the language is the challenge that we need.

It's hard for me to speak like them. Now also in the college on Institute, I still speak with... They are my friend, I'm speaking with them like English. (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).

c. Práticas sociais e normas culturais – todas as participantes alegaram ter percebido diferenças na cultura e hábitos entre os países de origem e os países de acolhimento, mesmo quando a tradição era de um país árabe para outro, ou de um país árabe para um país ocidental. Durante o discurso, as mulheres expuseram de que maneira essas diferenças foram sentidas, e quais foram suas soluções para a adaptação.

Tradutor: *Elle dit que c'est la meme chose. sauf qu'au Nigeria les gens sont plus rigoureux. Ici au Tchad, je peux rester avec les garçons, aller a l'ecole avec les garçon sans problème* (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).

3.3.2. Estratégias de Aculturação

O presente item é a descrição das soluções para a adaptação encontradas pelas participantes, isto é, o comportamento advindo da interação entre ambas as culturas, com a finalidade de se adaptar. Verificou-se através do discurso de algumas participantes que a estratégia mais utilizada entre as mulheres entrevistadas foi a de **integração**, na qual elas adotam elementos das práticas sociais e normas culturais, enquanto há uma adequação da comunidade de acolhimento. Foi notado que essa estratégia foi usada em maior grau por aquelas que já estavam em comunidades locais, porém, também estava presente nas que estavam ainda em campos.

Tradutor: *She said, when you live in a community, They have their own traditions, and culture. Sometimes we have to do something as their culture. So they can't be looking at us like disrespecting their culture. But many things we just can do as we want. We choose our comfortability up, over there things. So something can be allowed and other things not* (Participante 13- HM, 20 anos, Iraque).

But for which community? Muslims. I am like close from them to my children know their religion, don't forget that. And I have a little one... Especially here. Children spend all the day in the school. And when we came to Canada, they told us teach your children your religion, your language, your culture. Because if you leave them, they will take Canadian religion. They told us directly. And they said that depending on you. So for all communities here, they try to practice... What they have, what they bring from the country. But like I said before, we take a good thing from Canadian culture and Canadian life and mix it with what you have. But women don't have right to do what they do. Like right to do more here. I like at this point like that. You know how to organize your life, your culture, your education. I don't know. You have to be always aware what you do (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).

3.3.3. Ser Mulher Muçulmana

Uma minoria das participantes identificou problemas de adaptação devido à sua religião. Entretanto, apesar de não estar caracterizado por elas como um problema específico de adaptação, durante seus discursos foram pontuadas certas diferenças e dificuldades enquanto mulheres muçulmanas em um novo contexto.

No âmbito da aculturação **árabe-árabe**, ou seja, quando a mulher em refúgio é de origem árabe e migra forçadamente para um país também árabe, foram relatados desafios culturais e religiosos relativamente ao conservadorismo percebido e vivenciado no Iraque pelas mulheres Sírias, e o conservadorismo que era vivido na Nigéria em comparação com a flexibilidade Chadiana.

Tradutor: *Mais elle a progressivement compris que le système religieux est différent: elle a vu qu'une femme peut sortir de la maison, aller au marché, une femme peut rester et parler devant les hommes.*

Elle n'a donc plus peur de sortir seule pour aller au marché, pour aller au champ, aller ou elle veut. Elle dit que le Tchad est beaucoup différent du Nigeria et qu'elle s'adapte bien ici au Tchad. Elle se sent donc mieux ici qu'au Nigeria (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).

Tradutor: *Okay. She said in Syria the tradition it was different than here. Because in Syria you can wear anything you want or men respect women. And women she has*

freedom. She has freedom for anything she do. But now no one can wear anything he wants or she wants, because each man is looking to man in a bad way, in a bad version (Participante 14- AD, 35 anos, Iraque).

Todavia, o campo de refugiados se apresentou nessa situação como uma variável de contexto que limita o contato das participantes com a comunidade local, sendo que os nativos ou se encontravam em menor quantidade dentro dos campos, sendo a maioria da mesma nacionalidade de origem, ou apenas nas comunidades ao redor.

Because in the camp, they are all Syrians. So if we are inside the camp, before we go out, we feel like we are in Syria. In many ways... like, so our clothes are the same like we was wearing in Syria (Participante 4- SO, 20 anos, Iraque).

Já no âmbito da aculturação **árabe-ocidente**, isto é, quando uma mulher de origem árabe migra a fim de se refugiar em um país do ocidente, apenas 4 participantes se encontravam nessa conjuntura (5-ER, 7-KS, 10-JZ, 12-SD). Nesse aspecto, foram relatados desafios culturais e religiosos relativamente ao *ser muçulmana* apenas pela Participante 12 SD, que era Síria e habitava no Canadá. É relevante ressaltar que a participante era também a única a usar o hidjab, elemento visível e característico para as mulheres no islamismo. Depois de ter relatado situações de discriminação vivenciadas por ela e pelas colegas da comunidade islâmica, ela afirmou que sua vestimenta influenciou na percepção das pessoas locais sobre si.

Biggest challenges? First, the language and second thing, because like you said, I am Muslim... so maybe they don't like my shape, they don't like my hijab, maybe because I am always...my body is covered, somebody like... they look at me not like other people. I don't know (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).

As outras 3 participantes em questão mencionaram que a comunidade e amigos às vezes faziam perguntas sobre as práticas religiosas, no entanto em termos gerais, elas notavam curiosidade, respeito e aceitação por parte da sociedade de acolhimento.

Yeah. Because they always ask why am I not wearing a hidjab, so they say 'you are in islam, so why don't you wear a hidjab?' 'Why other people wear hijabs?'. I say that it's my opinion. I mean, in Islam every woman has to wear hidjab. But because I don't like it and I don't want it, so I don't wear it. And they have that weird questions about the hidjab. I remember I had a friend, she wears hidjab and the other girl was German, and she asked 'do you sleep with hijab? How do you take a bath with hidjab?'. She was like 'Ahn? What the hell are you talking about?' (risos) Because there really don't know much. So they are curious a lot.

It's like that. Culture shock I always say (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

Ainda nesse sentido, durante as entrevistas surgiu a visão sobre **sentir-se um ser humano**, quando compararam a posição na sociedade de acolhimento ocidental em detrimento da árabe, com relação ao gênero e às tradições do islamismo, ao ser refugiada e aceita, ou não, pelo país de acolhimento.

For me, personally, I feel more as a human, as a person here than I used to feel anywhere else. I feel like I belong here and I also want to live here. I want to build a life for me. Because in Iraq, I didn't know, don't know what's next. A lot of days I didn't know what to plan for and anything. But here, now, I have to be more like I'm more subtle than... I'm living life. I have to plan this, I have to do this (Participante 10- JZ, 20 anos, Canadá).

Yeah. Now, when I came here, I felt like they just treated me like a human. Just a human. Not because you are a girl or boy or Muslim or a Christian or... I don't know. They just treat you like a human. So I think it's the biggest positivity here. And I'm not great to reach to Germany. Of course, there is, in each society there's a lot of negativity and positivity (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

But still we're facing a lot of problems. Also to be here while you have different minds than people, it really feels uncomfortable and feel sometimes having depression because of what they're thinking. Especially in the Middle East. It's hard to live as a human, and Its harder to live as a women. It's really hard to live between them (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).

3.3.4. Acomodação bidimensional

Esse subtema diz respeito a uma acomodação mútua entre os grupos etnoculturais, ou seja, uma adequação realizada através dos esforços tanto da cultura dominante, quanto da não-dominante, sem anulação de nenhuma das culturas.

Foi identificada uma acomodação bidimensional principalmente nas vivências relatadas pelas participantes que tinham a moradia nas comunidades locais. Foi relatada não só a aceitação e adaptação por parte das participantes com relação a cultura local, mas também certo esforço para a integração das mulheres em refúgio, e o relativismo cultural.

Tradutor: She said that inside of the camp, if she is wearing a t-shirt, like this one (mostra a camiseta), It's ok for girls. But here in this community, when you do this, people make you uncomfortable by them, how they look at you... they don't like it. And when you don't wear the hidjab, people Here, they don't accept this too much (Participante 13- HM, 20 anos, Iraque).

Os relatos sobre as experiências nas comunidades de acolhimento foram positivos, mais ainda para aquelas que habitavam em países mais desenvolvidos com políticas nacionais de multiculturalismo. Foram relatados ainda a percepção do respeito por elas e um débito com o país anfitrião em retorno por todo o cuidado e acolhimento adequado.

It is about women's clothes, I think, yeah. It will be like a little bit you are in your community, you are in your country. And when you go to bank, when you go to medical hospital, use some women, men, they are like 'Salam Aleikum' and they are wearing a veil too. And when you know... I will tell you something... I had an appointment in hospital, medical hospital. Hospital. So I am wearing a veil, she got me a mask and she told me oh wait, I will give you how to put your mask... She removed elastic from another one and give me and she told me now you can put your mask comfortable so she know I have to tie it under my like... up on my hidjab. Oh, I told her you are so nice, thank you so much.

And always I told them (pessoas da comunidade islâmica) you have to be close from them (canadenses), because Canada bring us to here and accepted us like Canadian. So they prepare us to be Canadian so we have to be knowledge Canadian I think. Because if somebody pick you up from the refugee camp and bring you to Canada and give you everything, you have to... Do favors for us. You have to back something... I don't know how to explain (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).

I think when I finish with my study, in August and stuff, I have to do some volunteer work here in Germany to feel more comfortable with it. Because when you feel that, someone give you something, you have to give it back. So even in the beginning, I told XX (coordenadora do projeto de voluntariado que a entrevistada participou no Curdistão) that I want to go again to Pathfinder Club (projeto de voluntariado da ONG no campo de refugiados no Curdistão) and search here in Germany where I can go. But sadly, I had school and work and all this stuff, so I had no time to do volunteer work. But I'm going to do it one day. Someone give me something. I have to give something to back, but it's still not my home (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

Here (Canadá)... They're law always. Like your right is not wasted. If something happens. Everybody's committed to their job. Like police officers, hospitals and everybody they do their job right. You just have a dignity. Like you're important as a person. You're taking care of... Like if you go to the stores even, like the customers always care. It's just little things like that in schools. Like... Schools are very taking care of all kids (Participante 10- JZ, 20 anos, Canadá).

3.3.5. Fases da aculturação

As fases da aculturação consideradas na análise são aquelas apresentadas por Sam e Berry (2006), designadamente: a pré-partida, fuga, primeiro asilo, período de requerente, período de

reassentamento e adaptação. A construção das narrativas das mulheres entrevistadas perpassou por todas as fases do processo de aculturação específico para os refugiados. Todavia, foram destacadas três fases para a análise: o primeiro asilo, o período de requerente e a acomodação, por terem sido etapas salientadas na fala das participantes.

a. Primeiro Asilo – todas as mulheres em situação de refúgio entrevistadas foram primeiramente acolhidas em campos de refugiados, após a fuga dos países de origem. No entanto, apenas 4 foram encaminhadas pelas ONGs para integrarem comunidades de outros países de acolhimento ocidentais, e uma se integrou por conta própria após o casamento na comunidade local ao redor do campo que antes habitava.

A maior parte das participantes então, permaneciam a viver no primeiro asilo, caracterizando a situação de **refúgio prolongado**. Nesse contexto, muitas se queixam sobre o “abandono” das ONGs e do Governo local, ou seja, a diminuição do suporte oferecido.

Tradutor: Like the organization stopped helping us and we're here like the native people.

Entrevistador: Okay, you were there like native people, but you don't feel like that you have the enough support that you need nowadays?

Tradutor: Yeah, we don't have enough support.

Like the organization stopped helping us and we're here like the native people.

The organization just helped us in the resources... The organizations stoped working here and garbage and the food... Help is stucked. The government stopped, like to collect the garbage and there isn't work. So is hard (Participante 9- ML, 36 anos, Iraque).

b. Período de requerente – essa fase se refere ao momento em que a população em situação de refúgio está ainda separada da comunidade anfitriã, em busca dos direitos legais e institucionais de cidadania no país de acolhimento.

Nesse sentido, ainda não há uma devida integração dos indivíduos, pois não se tem o acesso ao estatuto de refugiado. A maior parte das participantes que vivem no Iraque assinalaram a impossibilidade de serem reconhecidas enquanto refugiadas no país, e destacaram os desafios relacionados a essa situação, como a falta de apoio e oportunidades por parte do Estado, e episódios de **discriminação** por parte dos iraquianos e curdos (colegas ou autoridades), quando saem do campo de refugiados com a autorização do governo.

Also the PC, the primary care, this is how they call that. They took it out of the account and the one that's working, they put it in the Kawergosk, not in the camp. And the people that they work there, they are all Iraqi, so they won't accept anyone from the camp to

work there, even if you know sorani, the language and everything. But they just want iraqi (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).

When people ask you, when we go from Hawler, to other states, like Suleymania or Duhok, there is police who ask us who are you and why you go to here? So you give them a document. All Iraq people, they give the document, and they pass. But Syrian they say, you are Syria, so you need to give them more informations. Sometimes you have 30 minutes talking in there until they allow you to go. So like me, when I go to the university, many things happened for me. Sometimes they told me to come down from the bus and go in the room. They ask me like some questions (Participante 4- SO, 20 anos, Iraque).

Yeah, and sometimes maybe they don't talk about me. They say like oh, 'the Syrian is all of them bad'. 'They are doing everything bad'. Like 'they come to here to make our country...' 'I don't like, we're here... like we are coming here to make a war, like... we are far away from the war! How can I make war here? So that's the problem (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).

c. Período de reassentamento – na fase em questão, as mulheres já possuem o estatuto de refugiadas, caracterizando uma nova relação legal com o Estado anfitrião, e um momento de integração e adaptação enquanto membro efetivo dessa comunidade. Dentre as participantes desse estudo, esse período é marcado pela mudança do campo para as comunidades em outros países ocidentais, nomeadamente, Canadá, Alemanha e Austrália. Esse período exigiu das mulher a construção de uma nova estratégia de aculturação, considerando um reassentamento árabe-ocidente, em um contexto mais estruturado e com mais suporte no acolhimento.

Entrevistador: *And do you know about your immigration status? Do they recognize you and your family as refugees there?*

Participante: *Yeah. As Refugees. And we have a permanent residence, and actually, soon we will do our exam for the citizenship.*

(...) In the first month, it was a lot of... it was hard, but again, thinking about living in a tent and now you live in a house, like there's walls, doors and windows, it felt better (Participante 10- JZ, 20 anos, Canadá).

Because the government helped us and we came as refugee. In the airport in Kurdistan, the people asked from the government and they helped us when we went to airplane and still they help us. And when we went to Qatar and still two people, they come and still they help us. When we came to Australia, in the airport, two people, like always, they came to help us and we was fine, the translator was with them and everything was all right

They changed, because we have here in Australia the government, they give it to the refugee people, a care worker. That means you going to help this family. Whatever

problem we have, you can help us. Paper or food or anything, or driving or hospital or anything. And come to our house, they pick up and we go to shopping first month until we finish and then we know what's happening (Participante 5- ER, 20 anos, Austrália).

3.4. Coping: recursos individuais

Este domínio correspondeu às estratégias individuais utilizadas pelas participantes, para lidar com as circunstâncias do refúgio, visando a adaptação. O mesmo foi dividido em seis subdomínios, os quais foram identificados na narrativa das mulheres entrevistadas. Foram eles: atitudes e crenças positivas, reatribuição de significado, *self-talk*, personalidade, humor, sonhos e planos.

3.4.1. Atitudes e crenças positivas

Esse subtema foi observado em pelo menos metade das entrevistadas, estando este ligado às percepções e posicionamentos positivos a respeito dos eventos ocorridos em suas trajetórias. Esses elementos foram mais evidenciados quando as mesmas foram solicitadas a escolherem um conselho para outras mulheres em situações semelhantes a elas.

I'm so much optimistic. I don't take anything hard. Like just have One way to do it, like, okay, do it however... It's do it hard, easy. Do it. I take a life so much easy (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).

Entrevistador: *I want to ask you an advice that you would like to give to other women who are thinking about migrating too, to other countries as you did. What advice you would like to give to them?*

Participante: *To be open more. Because from my society, when people came here, some of them, they came from Muslim society, so when they saw the european, they are more open minded, they didn't accept that. But they are living here. I mean, if you came here, you have to accept another things happens to you, or another people, because it's another society, and you are like a guest here. So it's not good to having that closed mind* (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

3.4.2. Reatribuição de significado

Mesmo quando existe uma perda com carga negativa, um luto, as mulheres demonstraram realizar a transformação da percepção de um evento para positivo, as transformando das memórias em boas experiências, apesar dos pontos negativos.

(...) if I was in Syria, maybe I would not have all these options that made me this person that I am on now. A lot of opportunities that I had, the courses, I don't think my friends in Syria, they have these things now what I have. So I think everything has a reason for me now. I'm really good

I don't know. I think everything that I built through has made something in me, like left something in me like. Good moment or bad ones. As I told you, for me I got stronger with the bad things more than the support, because I knew what I was. And every time someone was making part of me, I had this courage to prove them wrong. I think the war was something that really, left something in me that led let me just grow up like this. I could not live my kids life as anyone else and it made me what I have now (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).

Trust myself and love myself. Because when I don't trust myself then I won't reach that far away. And loving myself because it's not my fault all this stuff happened to me. So I have maybe accept that and just live with it, until I make it. I have to wait to make a difference in my life (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

3.4.3. Self-talk

Essa subcategoria correspondeu à estratégia de falar consigo mesma, com frases encorajadoras e empoderadoras, ou afirmações que não são as melhores opções para si e devem ser repensadas e transformadas.

Don't say that 'I can't'. If you try and there's time, of course you gonna pass it in the hard time. Because I think I'm going to do nursing, but it's too hard. And now. I feel better, like 'I can do it. Why not?' If you keep saying: 'No, no, I can do that'. Of course, you can't do it, because you're not trying. But if you say, 'I will try. Come on, hurry up!' And you will do it (Participante 5- ER, 20 anos, Austrália).

3.4.4. Personalidade

Personalidade diz respeito às características que cada participante reconheceu ter e que as auxiliaram durante os desafios da adaptação pós-refúgio, ou as novas habilidades positivas desenvolvidas a partir das vivências negativas, que as fizeram se sentirem melhores consigo mesmas atualmente.

I was just a kid, eleven years old. Doesn't have, like how to say it. In that time, I didn't have to have a lot of responsibilities. But you just feel like you grew up like this and you have to do everything right.

Okay. So I think it's the confidence that I have to say no, I always was like this, and I think I will stay like this because if I don't have this personality, my sister they didn't have, they didn't finish studying. I don't think they got what they wanted, and I didn't want to be like them, so I was strong enough to say no and to really fight for what I want (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).

3.4.5. Humor

Este subtema traduziu o uso do bom humor no relato das histórias e na percepção dos acontecimentos durante a aculturação.

Yeah, like in gym class, I really struggle the most...In gym class (risos). Because in gym classes we have to be... we were like, you're kind of forced to do something with people you hardly know. And in my gym class, the people I was with... So, I'm in grade eleven, I did gym class. And in grade twelve also, I did gym class. So in gym class in grade eleven, I was new and I was so confused, because the gym class was so confusing. We didn't have these things in Iraq. I don't know, what is it? (risos) So we have sessions, and sometimes some sessions we had to do in the classroom. And I didn't know It was in the classroom, so I came to the gym.... and Where are they? (risos) I was so confused in the gym class. So confused! That was the only thing that is stressing me about high school. Don't... And my classmates in the gym class, they all already knew each other. They were very close people. Even if I tried to make room... So, like the teacher would say 'find a partner', so we do this activity with. I even do eye contact. Like, 'okaaaaay let's be together...' (risos) (Participante 10- JZ, 20 anos, Canadá).

3.4.6. Sonhos e planos

O presente subtema diz respeito a atitude de não desistir dos sonhos e objetivos, tê-los sempre em mente afim de alcança-los, mesmo diante da adversidade, como ter que sair do próprio país devido a guerra.

I give the advice...If you change the country, let your dream the same, don't change? Also your faith in God. Because you don't need to change it, you can still have faith in God. Also you can complete your study. Maybe they aren't the same as in your country, maybe they are difficult more. But if you want, you can do what you want. You can fight for your things, Inshallah you finish your thing, you get your dream. You can let the country know that yes, you are from the country, but the country also needs you. You can help the country. This is what I want to say (Participante 4- SO, 20 anos, Iraque).

3.5. Coping: recursos sociais e comunitários

Este domínio diz respeito aos elementos externos, vindos da sociedade e da comunidade, utilizados para o enfrentamento pós-refúgio pelas participantes. É importante destacar que estes foram os recursos mais referenciados na fala das entrevistas, e foram divididos em oito subcategorias, especificamente: família, amigos, vizinhos, trabalho e atividades voluntárias, estudos e escola, figuras representantes da comunidade, suporte das ONGs e suporte governamental.

3.5.1. Família

Este subtema trata-se da família nuclear (pai, mãe e irmãos/ esposo, filhos) e da família alargada (tios e tias, primos e primas, avós), enquanto suporte para as mulheres em refúgio. Este subtema foi referido por todas as participantes, sem exceções, sendo este também o recurso mais comentado durante as entrevistas.

Tradutor: She said that her family was the great support for her, with here. When they moved here. So she could not imagine that she would imigrate without them (Participante 13- HM, 20 anos, Iraque).

Tradutor: Elle pense que c'est très bien d'avoir migrer au Tchad avec sa famille, elle dit que c'est vraiment mieux de voyager avec la famille. Elle dit que c'est très compliquer de quitter son pays et aller dans un autre pays. et que cela peut être plus difficile quand on n'est pas avec sa famille (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).

3.5.2. Amigos

Pessoas próximas nas quais as participantes estabeleceram laços emocionais e de amizade. As participantes falam dos amigos como peças fundamentais, após a família, para o bem-estar e adaptação.

Mesmo aquelas que já não estão mais nos campos afirmam que ainda mantém contato com os amigos que vivem no Curdistão.

Tradutor: Elle a aussi des amis au Nigeria. Mais elle a aussi des amies du Nigeria qui vivent aussi ici au Camp de réfugié. Elle a aussi des amies qui vivent sur d'autres sites. Et elle a d'autres amis qui sont restées au Nigeria et d'autres amies qui sont aussi mortes durant la crise (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).

So it changes a lot. But then after three years in the camp, we start to make friends, a very good friend, like XX... Everyone.

And we start to do things like... We were sometimes like calling, like now we have a course to go and they were like, oh, 'you're washing the dishes'. So two of us will just go to help her very quickly and take her and we go to the course. We were playing volleyball. this is Why started to be good again with us (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).

It's good. It's not like in Kurdistan. XX, YY (nome das amigas), and all my friends and ZZ (nome da coordenadora do clube no Curdistão) and you guys Pathfinder club. My friends... I mean I can't live without Not communicate with people. So of course I'm going to make a friendship. I told XX too that I'm not sure, I don't know when, but I'm trying to go to Kurdistan to see my friends (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

3.5.3. Vizinhos

Elementos da comunidade, que habitam próximo da morada da participante. Muitas afirmam que os vizinhos foram o suporte na falta de família, ou que depois de algum tempo de habitação perto dessas pessoas, elas começaram a criar uma relação de amizade.

Para aquelas que saíram do contexto árabe, e habitavam no momento em comunidades locais ocidentais, os vizinhos foram relatados no contexto de integração proporcionado pelas ONGs, ou enquanto pessoas imigrantes forçadas na mesma conjuntura que as participantes.

Tradutor: Elle est venue avec ses enfants et quelques voisins et voisines du Nigeria. Mais elle a perdu 02 de ses enfants là-bas au Nigeria au moment de la fuite. Mais ces 02 enfants sont arrivés ici au Camp de refuge après 2 ans.

Elle dit que ça été difficile pour de perdre des membres de sa famille au moment de la prise de son village. Sa mère et son père ont été égorgés et brules devant elle. Mais elle est heureuse d'avoir pu voyager avec certains de ses enfants et aussi les deux qui sont venus les rejoindre deux ans après. Elle est aussi contente d'avoir pu vers le voyage avec quelques voisins (Participante 3- HY, 39 anos, Chade).

Tradutor: In the beginning, she has no friends. She has no friends. But after approximately one year or one year and a half, the organization take care of the camp, and all of the neighbors, they become her friends.

She's said my neighbors, like after years, you start knowen them very well, I will become your friend (Participante 14- AD, 35 anos, Iraque).

Tradutor: Yes, she is saying that she made friends. She and her neighbor, they are always just 'come'. She goes to her house, or she come to our house just to make sweets. So they are always together.

She is saying like, we are neighbors. Here in the houses are a little bit different then there. Our [...] is just like that. They are the same, it's almost the same house. So she said, we are neighbors. So every time I go out and she go out, we say just hi to each other. Greeting each other, and talking a little bit. And little by little, we became friend. And she has friends of her and relatives here, they come to visit her... [...] and started to be friends of her too (Participante 13- HM, 20 anos, Iraque).

3.5.4. Trabalho e atividades voluntárias

Este subtema referiu-se a toda a atividade laboral remunerada, e atividades não remuneradas, mas que permitem que as participantes tenham uma função social, um encargo dentro da comunidade, retirando algum sentido de utilidade em interação com outros.

Nesse aspecto, muitas participantes afirmaram que não podiam trabalhar, ou que não tinham oportunidades para o labor remunerado mesmo necessitando, como nos casos do campo no Iraque. Outras afirmaram que não o tinham porque o trabalho seria pesado para elas, visto que tinham os filhos para cuidar. Todas que não trabalham fora, entretanto, falam sobre as atividades domésticas, enquanto mulheres muçulmanas mais velhas, tendo como função o servir e cuidar da família, e os homens da família que possuem o dever do labor remunerado.

Tradutor: Elle dit qu'elle est très contente et souhaite même rester ici. Auparavant, elle avait beaucoup de soucis du fait qu'elle a des enfants. Elle est une femme et elle n'as pas la force de sortir pour aller travailler et trouver des ressources de subsistances pour ses enfants. Mais elle a eu la chance d'avoir une formation avec la Croix-Rouge et maintenant elle a un contrat de travail comme Relais-communautaire chez la Croix-Rouge. Donc ce travail lui permet d'avoir chaque fin de mois un peu d'argent pour assurer la subsistance de sa famille. Elle a aussi fait une formation professionnelle: la Couture. Et elle a même une machine à coudre chez elle à la maison, qui lui permet de coudre les habits pour les enfants, pour les femmes et pour les hommes (Participante 2-ZA, 42 anos, Chade).

Todavia, as mulheres mais jovens que frequentam cursos na universidade e habitam no campo do Iraque alegaram trabalhar ou ter acabado de concluir um ofício. O mesmo se repete para as mulheres mais jovens que estão em países do Ocidente, com um trabalho formal. Porém, as mesmas afirmaram que trabalham por motivos diferentes no ocidente, visto que agora são maiores de idade e possuem responsabilidade sobre si mesma, alegando ainda que se fosse no Iraque, a situação seria diferente.

There's a lot of opportunities here. You don't have to worry much if you don't do something, then there's a lot of things for you. There's a lot of opportunities. In Kurdistan for women especially. Like, if I would talk about women specifically, all you can do there is either something in the medical, like the science field to have a job, like, if you are someone who wants to be, like, to make a change and like to study and work and be safe in the workplace and everything, it's a very big struggle in Kurdistan case. But here, like, in the workplace, the women are very protected. (Participante 10- JZ, 20 anos, Canadá).

Para as mulheres que estavam no Chade, o labor citado foi o comércio de itens confeccionados por elas próprias, e que os dão uma renda para alimentar a família mais de uma vez ao dia.

Tradutor: Par exemple quand elle était au Nigeria son activité commerciale ne marchait pas bien. Elle fabriquait beaucoup de filets de pêche mais la vente était très lente. Mais ici c'est le contraire, les gens aiment son travail et achètent tous les filets de pêche qu'elle fait ici. Les gens apprécient beaucoup mon travail. Au Nigeria elle pouvait passer un mois sans vendre aucun filets, mais ici Dieu merci son commerce marche et elle est très heureuse pour cela. Car ce commerce lui permet de faire de petites économies, elle garde un peu d'argent de côté en cas de maladie elle peut utiliser cet argent.

Elle dit que financièrement elle a vraiment une vie stable. elle et ses enfants peuvent manger 03 a 04 fois par fois, dont elle est vraiment contente pour ça (Participante 3-HY, 39 anos, Chade).

No tocante às atividades voluntárias, foi um subtema que surgiu em quatro narrativas, enquanto atividades realizadas que foram auxiliadoras para a adaptação, e/ou que desejam realizar, com o objetivo de obter conhecimentos, em prol de capacitação, aprimoramento de habilidades e como uma retribuição do acolhimento feito pelo país anfitrião.

I was like maybe a won't go there. Yeah, I think I remember. The only thing that really helped me I'm so honest that right now, the Pathfinder Club helped me a lot. Really helped, because I didn't think about my situation at all. I was with my friends, with you, and knowing new people from around the world. And we did activities, so it helps me a lot. But every time when I went to home again I go back again... the doctor also didn't help me that much. But you know, sometimes when we speak to someone, it's helpful. Right now, when I talk to you (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

3.5.5. Estudos e escola

A presente subcategoria incluiu a oportunidade de aprendizagem de conteúdos através da educação formal na escola, e não formal, como as formações e capacitações para o labor.

As entrevistadas ressaltaram esse aspecto, sendo finalmente uma oportunidade de estudar no novo contexto, considerando que as mesmas não tiveram essa possibilidade no país de origem, devido ao contexto de conflito ou falta de disponibilidade do recurso. Outro aspecto ressaltado foi a satisfação em poder oferecer aos filhos a chance de estudos, e um ensino melhor do que no país de origem.

Foi possível verificar também que os estudos eram possibilitados no novo contexto a partir da ajuda humanitária, que possuíam estratégias de inclusão e estabelecimento da igualdade de gênero, e em contexto ocidental.

I can study now. The most thing, I can study and I'm trying actually now to study. I never imagined like I will back to study again and had course to have some work. I like it before to do it in Syria and now I can reach it and do it (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).

Tradutor: Et maintenant arrivée ici au Tchad, c'est la première fois qu'elle l'école. A l'autre cote, c'est a dire dans le village d'origine il n'y a pas d'école (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).

Tradutor: Like HO, she thought 'I didn't study', and she like very to study. She want that her children are very smart at school and good future for us. She want just this... (Participante 6- HO, 45 anos, Iraque).

3.5.6. Figuras representantes da comunidade

Esse tópico surgiu ligado às importantes personagens comunitárias, as quais oferecem suporte e orientações à população local. Os mesmos estavam ligados às crenças, cultura e religiões mais cultuadas na comunidade, sendo um recurso procurado principalmente quando existe conflitos, necessidade de orientação e resolução de problemas.

Esse subtema esteve mais presente na narrativa das mulheres nigerianas, habitantes de campos no Chade, sendo um elemento mais relacionado à cultura Africana.

Tradutor: Quand c'est un problème entre deux voisines, ou entre les enfants voisins c'est le mari qui résout ce problème. cependant si c'est un problème plus grave, ils vont auprès du Boulama (Le chef de Bloc) le pasteur, l'Imam ou le ou le chef du village. Ils

vont exposé le problème auprès de cette personne sage qui va ensuite trouver une solution pour résoudre le problème et faire la réconciliation (Participante 3- HY, 39 anos, Chade).

Tradutor: Quand le problème est au niveau interne, c'est-à-dire dans le foyer (dans la famille), ils vont trouver des personnes sages comme l'imam, les religieuses ou le chef de village qui vient résoudre le problème. Mais c'est un problème grave, ils vont au niveau du service communautaire géré par une ONG. Puisque quand il y'a un problème grave entre l'homme et la femme, les responsables religieux donnent toujours raison a l'homme. Mais devant le service communautaire des ONG la femme et l'homme sont égaux. Donc s'il y a un problème ils vont chercher les solution soit au niveau communautaire ou avec les sages de la communauté. Donc les problèmes simples sont gérés dans la communauté et les problèmes graves sont transférés au niveau du service communautaire (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).

Tradutor: Elle a dit qu'avec la sensibilisation, avec les conseils et des informations auprès des leaders communautaires, l'Imam, le Pasteur, même a la Mosquée, a l'Eglise les aident a savoir que faire et les choses a éviter. parce que le Tchad et le Nigeria sont différents, ils n'ont pas les mêmes lois, alors ces leaders et ces personnes ressources les aident pour ne pas faire les choses interdites au Tchad (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).

3.5.7. Suporte ONGs

O auxílio fornecido pelas Organizações não Governamentais foi essencialmente presente nas narrativas das mulheres no contexto dos campos de refugiados. As participantes afirmam que, no início do acolhimento, após a recém-chegada no país de acolhimento, houve o suporte através da oferta de meios de subsistência (tendas, comida, dinheiro), em seguida, de educação formal e não formal, conscientização e projetos pela igualdade de gênero, tratando de assuntos como o casamento precoce e os direitos das mulheres.

Contudo, a narrativa das mulheres revelou também que ao longo dos anos, e principalmente após a Pandemia da Covid-19, houve uma diminuição desse auxílio com a retirada das ONGs no território do acolhimento provisório, caracterizando um dos desafios do refúgio prolongado. Diante desse desafio, as participantes se queixaram das duras dificuldades enfrentadas sem esse recurso.

Foi encontrado também referência às ONGs locais, especialmente na integração das participantes no Canadá.

Tradutor: *Elle dit qu'il y a une grande différence entre une femme migrante et un homme migrant. Elle trouve que la femme migrante est plus motivée et honorée. Car les ONG et les humanitaires qui viennent travailler dans le camp travaillent tous avec les femmes et écoutent plus les doléances des femmes. parce que la femme, comme mère fait tout. Ici au Camp aussi quand les humanitaires font la distribution des vivres (os produtos alimentares), ils donnent les quantités de nourriture en fonction du nombre de personne qui sont dans la famille et elle dit qu'elle est très contente pour cela aussi. Depuis qu'elle est ici dans le camp elle reçoit une ration alimentaire à la fin de chaque mois auprès des ONG. Dans le Camp elle fait une activité génératrice de revenu (AGR) (Participante 3- HY, 39 anos, Chade).*

Tradutor: *They give to us food, and Sometimes give to us some money, for a better life, but now they say didn't give you any good or any money, but just my brother work and bring to us (Participante 6- HO, 45 anos, Iraque).*

Tradutor: *Yeah, the money to buy food from the supermarket was in the camp, so they give us card. We only have to buy from the supermarket everything about the food. Or they give us the clothes. Like at first... now No, because everybody now has work, have someone to work for them. At first they help us a lot. (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).*

3.5.8. Suporte Governamental

Esse subtema foi relativo a assistência do Estado às mulheres em refúgio. A manutenção e administração dos campos de refugiados é feita exclusivamente pelo governo local. Ele monitora a entrada e saída nos campos, além de controlar o suporte das ONGs. Entretanto, foram relatadas muitas queixas das participantes no contexto atual do campo no Iraque a cerca desse recurso, pois o Estado não permite a aquisição do asilo no país, porém, retirou parte do suporte básico (como recolha do lixo, água e energia gratuitos).

Tradutor: *The organization just helped us in the resources... The organization stoped working here and garbage and the food... Help is stucked. The government stopping like the garbage and there isn't work. So is hard (Participante 9- ML, 36 anos, Iraque).*

O governo também foi citado como auxiliador ao se considerar a segunda migração do campo para uma comunidade local situada em outro país.

They changed, because we have here in Australia the government, they give it to the refugee people, a care worker. That means you going to help this family. Whatever problem we have, you can help us. Paper or food or anything, or driving or hospital or anything. And come to our house, they pick up and we go to shopping first month until we finish and then we know what's happening.

A Tutor. A volunteer. She one hour to help me. (Participante 5- ER, 20 anos, Austrália).

Yeah. In that year. Angela Merkel. The President? I don't know. Something in Germany... She allowed to welcome the refugees in Germany. In that time, a lot of Syrian people... I mean, I don't remember the countries like Afghanistan and Egypt and I don't know, but the most of them, they were Syrian. So now here there are a lot of Kurdish people and Arabic people. One and two German people in there... (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

3.6. Coping: recursos religiosos

Essa categoria incluiu o suporte para enfrentamento advindos das crenças religiosas islâmicas e suas nuances. Foi um domínio subdividido em três âmbitos: fé e espiritualidade, religião e cultura, e suporte de outras religiões. No que diz respeito à frequência de alusão ao tema, este foi o recurso de enfrentamento menos citado em comparação com os outros referidos anteriormente.

3.6.1. Fé e espiritualidade

Esse subtema abarcou a credulidade e convicções espirituais das participantes, bem como a relação de confiança em Deus. Esse ângulo não se revelou diretamente relacionado com o islamismo enquanto instituição social, mas sim com o auxílio sobrenatural e místico de um ser superior na vida delas.

O referido recurso esteve muito presente na narrativa de todas as entrevistadas, perpassando por diferentes âmbitos da vida das mesmas, mas foi ressaltado o fortalecimento da fé durante e após a situação de refúgio.

I feel in that way, God with us, they make our way open in Australia, in the country was like easier, not hard.

Okay, so because of the support that you received all. The doors open for you in Australia. So your faith is stronger because you believe that God is with you and it's doing all this. Okay (Participante 5- ER, 20 anos, Austrália).

And when I read about another religion too, I have of course some things that I don't believe. But the only thing that is important and I think it's the point of the whole thing, that we have to believe in God. And I do that. And that's enough for me. When you believe in God, it's normal that you are Muslim or Christian, or anything. Cause God is everything (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).

Actually, when I have a lot of problems, like, I can't take it anymore. I just pray, like, to God to give me the solution. how to...

So after we left Syria and we come here, I think it is stronger. Like everything happened to us. Like we thank God, we still live, and we are here. Everything happened to us. We stayed. And as I said to you, when I have a problem, I'm just like I want the solution from him to help me, to show me the right way and we are more closer to the way that it's for us from everything.

Like, when we come here, we realize how God loves us, to protect us from the war (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).

3.6.2. Religião e Cultura

No que diz respeito à religião, essa subcategoria retratou o tema do islamismo enquanto instituição social, em outros termos, as doutrinas e dogmas que envolvem as tradições e cultura das sociedades árabes como um todo. No caso das participantes, o principal efeito foi na posição delas enquanto mulheres muçulmanas diante da sociedade.

Tradutor: La femme selon la religion islamique, elle doit rester à la maison et s'occuper du foyer. Elle n'a pas le droit de s'exprimer devant les gens.

Elle dit vraiment que en tant que une mère, c'est-a-dire, une fille-mère, elle a eu les enfants avant 18 ans. Et cela est un comportement des gens du Nigeria, des comportements liés à leurs procédures, c'est-a-dire leur culture/tradition. Maintenant elle a seulement 21 ans et elle a déjà deux enfants. Et son mari est un marabout, un homme âgé qui n'a même pas de travail (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).

To be a muslim... a muslim women, not even men. It's even harder because you have the extra things on your shoulder. Now how to tell you this... But it's truly that you're taking everything on your shoulder. As a Muslim, if a man does something wrong, it's because of you. You were something bad or you attracted him. You cannot choose what you want. Because we are Muslim and according to Islam, we should do this. We should do this. So to be a Muslim and to be a Muslim in the Middle East, it makes you feel like you are in jail, like you have to put the veil... Here we are a little bit more open minded then, but generally like to be a Muslim woman once it's all your chance, it's all on you, everything. The kids, it's your job to take care of them. But if you get divorced with your husband, no, the kid is your husband's kids (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).

A participante 12-SD, foi a única mulher mais velha que vive em comunidade local num contexto do ocidente que, frente a essa conjuntura, trouxe a ideia de que mesmo com seus esforços de trazer a religião e cultura para os filhos, há uma grande distância entre as experiências religiosas da geração migrante e de seus filhos, que cresceram e frequentaram escolas no novo país.

Yeah, I think in this time, like me and my husband alive and we are living together with my children, I think we can keep our culture and our thoughts. But I think when me and my husband pass away, I think the other XX (nome da filha) and my other children maybe change it a little. If they keep doing same me and my husband. They will not. But I think they will not. Maybe a little. But the other one they will forget a little and the other one I think they will change it. Because when I see... I meet some people immigrant to Canada for a long time, not it seems like before. They changed. And their children is 100% not what I want my children to be in the future. They change it. Maybe not become Canadian 100%, but say there is a big thing is change. Their thoughts, their behavior. I don't know. I am not trust in the future here. Actually I'm afraid about but what I can do if the situation conditions were in the Middle East stay like that, not remain like that, not change it. Here we lost some our culture. Maybe me and my husband now know but in the future something will be changed with my children. Maybe not XX (nome da filha) and her sister, maybe my son and my other little daughter. Yeah, every generation will lose something until they become like canadian, I think (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).

3.6.3. Suporte de outras religiões

Esse subtema surgiu relacionado com o auxílio vindo de figuras de outras religiões que não o islã. Dentre os recursos religiosos, as outras religiões foram mencionadas pelas mulheres, essencialmente, que estavam em contexto de campo no Chade.

Tradutor: Meme au niveau des coutumes elle a constaté qu'ici au Tchad les femmes sont beaucoup écoutées dans la mosquée et dans l'Eglise. lorsqu'au Nigeria personne n'écoute la femme. Mais ici avec les leaders religieux, les leaders communautaires, les humanitaire, la femme est mieux écoutée, et elle a vraiment le pouvoir. Et cela est une très grande différence (Participante 3- HY, 39 anos, Chade).

Capítulo 4

DISCUSSÃO

O presente estudo teve por objetivo investigar quais fatores contribuem para o reinventar de uma vida pós refúgio por mulheres muçulmanas, no país de acolhimento. Deste modo, através da análise temática desempenhada (Braun & Clarke, 2006), os resultados obtidos com as entrevistas revelaram que existem sete recursos mais utilizados para o reinventar no novo contexto. A maneira como cada um desses itens surgiram e foram utilizados, sucedeu da subjetividade de cada mulher, entretanto encontrou-se nesse ponto um comum relato entre as narrativas.

A **família nuclear** foi o recurso mais utilizado pelas participantes na reconstrução após a vivência de migração forçada. De acordo com a literatura do tema, a família é um dos pontos de maior apoio, e recurso recorrente no enfrentamento para as pessoas em refúgio, como revelado na investigação de Zbidat et al. (2020), com refugiados sírios na Alemanha. Os autores identificaram as estratégias de *coping* social, utilizadas pelas pessoas em refúgio, de conversas com a família, reunião e convivência familiar, e bem-estar da família, para o enfrentamento dessa população. Aziz, et al. (2014) revelaram através de seu estudo com refugiados sírios, a satisfação destes com a rede de apoio no pós refúgio associada à presença da família no país de acolhimento, refletindo na qualidade de vida dos mesmos. A literatura traz ainda algumas especificidades de gênero nesse aspecto, por exemplo, na investigação de Al-Smadi, et al. (2016), onde para aquelas mulheres em refúgio que possuem filhos, os mesmos representam uma fonte de motivação, dado que o foco nos filhos é caracterizado como uma estratégia de *coping*.

Em segundo lugar, foi identificada a **personalidade e atitudes individuais** como o recurso mais relevante no reinventar. Este ponto está ligado às perspectivas pessoais, as subjetividades e características psicológicas que determinam um padrão positivo e resiliente de pensamento, sentimento e ação. Diversos autores relataram estratégias nesse sentido, como Zbidat et al. (2020) que as caracteriza como *coping* cognitivo, ressaltando a automotivação e self-talk, bem como Walther, et al. (2021), que destacou o self-talk e atitudes e crenças positivas, no seu estudo sobre resiliência em adultos refugiados na Alemanha. Do mesmo modo, Alzoubi et al (2017) salientaram nessa categoria a atitude otimista como estratégias de *coping* efetivo.

Em seguida, a **crença em Deus e fé** se destacaram como terceiro elemento que mais auxiliou para a reelaborar no novo contexto pelas mulheres muçulmanas. Nessa estratégia, o *coping* foi considerado em uma perspectiva sobretudo espiritual, a respeito da confiança em

Deus, as provisões e o êxito na trajetória da migração forçada advindos da divindade. Logo, os conteúdos religiosos, como os dogmas e práticas islâmicas, não foram ponderados nessa narrativa pelas entrevistadas, qualificando tais estratégia como essencialmente com relação à espiritualidade e não à religiosidade. Em algumas perspectivas na literatura sobre o *coping*, os estudiosos atribuem esses pontos, sobre a crença em Deus e fé, à aspectos da religião em si, enquanto *coping* religioso, como descrito por Zbidat et al. (2020) ao considerar a aceitação uma estratégia componente dessa categoria religiosa. Bem como outros autores, como Santos & Delicato (2021) que declararam que a religiosidade é uma estratégia de enfrentamento no contexto de campo de refugiados, que dá força esperança e auxilia na resiliência. Os autores Shaw et al. (2019) diferenciaram na categoria do *coping* religioso em sua investigação sobre o manejo de estresse com mulheres refugiadas, a confiança em Deus para resolução de problemas, além de outros intervenientes religiosos.

A **estabilidade e estrutura de vida**, foram realçadas enquanto quarto elemento mais tratado pelas mulheres em refúgio, tendo como componente a habitação, trabalho, amigos, condições financeiras e econômicas. Todavia, não existem muitas considerações na literatura de *coping* a respeito desse fator enquanto auxiliador no reinventar. A autora Dubus (2020) em sua investigação dos serviços oferecidos na fase de reassentamento de refugiados em um país de acolhimento definitivo, afirma que as moradias seguras e adequadas são essenciais para acolhimento e integração efetivos desses indivíduos. A autora ainda define que a partir dessa providência, outras necessidades fundamentais podem ser decididas e ajustadas, como a escola e o trabalho, elementos que na presente investigação foram considerados em quinto e sétimo lugar, respectivamente, pelas entrevistadas, como constituintes do reinventar delas próprias no pós-refúgio. Tais aspectos são considerados defasados ou inexistentes no contexto de campo de refugiados, trazendo uma grande preocupação com relação ao tempo de permanência nesse acolhimento supostamente provisório, e deficiência dos recursos oferecidos para essa população (Trindade, et al., 2021).

Os **estudos e a instrução** foram igualmente realçados como aspectos mais importante que ajudou a se reestruturarem nesse novo contexto de vida, recurso inesperado pelos investigadores do presente estudo. O referido integrante no desafio de tornar a inventar, não é explorado pela literatura como recurso de *coping*. No entanto, o estudo de Vsthagen et al. (2022) com refugiados árabes, curdos e somali na Suécia, evidencia que o oferecimento no pós-refúgio de uma país seguro, que asseguram seus direitos, educação e cuidados de saúde são muito importantes e encorajadores, principalmente para as mulheres refugiadas que passam a se ver com mais direitos e mais oportunidades de estudos e trabalho. Entende-se então, que a

investigação dessa conjuntura do reassentamento após a migração forçada traz esses dois elementos, o estudo e o trabalho, de maneira próxima, e essencial para a reestruturação de uma nova vida na cultura anfitriã. Nesse sentido, é importante sublinhar que a literatura relativa ao *coping* apresenta estratégias de enfrentamento relacionadas com o **trabalho e a função social**, compreendidas em aspectos como senso de significado e contribuição (Hawkes et al. 2021), e atividades sociais (Erdogmus, 2021).

Por fim, o sexto elemento considerado como contribuinte do reinventar foram os **sonhos e planos**, ou seja, ter um projeto de vida, planos a médio e longo prazo, bem como o ato de perseguir os sonhos, construir narrativamente um futuro significativo. Zbidat et al. (2020) verificaram a estratégia de fazer e ter planos e objetivos, categorizando-a com um *coping* cognitivo para a população alvo de seu estudo, como um elemento auxiliador para o reassentamento.

Através da avaliação dos resultados supracitados ficou evidente a grande influência dos recursos comunitário e sociais no reinventar, considerando os quatro elementos da categoria dos recursos comunitário e sociais, dois dos recursos individuais e apenas um dos recursos religiosos. Embora a espiritualidade esteja dentro da religião e seja constituída por ela, esta foi identificada nesse estudo como inerente à instituição religiosa.

Os resultados foram estabelecidos em termos de maior frequência na fala das mulheres, representando também uma maior relevância para as participantes. Os caminhos para o reinventar do eu foram diversos, entretanto, contaram principalmente com os elementos externos, advindos da sociedade e da comunidade, das redes de suporte, alheios à elas próprias, sendo estes identificados por elas como mais associados à sua adaptação no pós refúgio estando no país de acolhimento. Tais resultados se mostraram consistentes com as investigações anteriores nessa área, como elementos essenciais na integração e adaptação (Al-Smadi, et al., 2016; Aziz, et al., 2014; Dubus, 2020; Hawkes et al., 2021; Fiddian-Qasmiyeh, 2020).

No que concerne às estratégias de *coping* utilizadas pelas mulheres muçulmanas em refúgio entrevistadas, afim de responder às problemáticas enfrentadas, incluiu-se nos **recursos individuais**: atitudes e crenças positivas, reatribuição de significado, *self-talk*, personalidade, humor, sonhos e planos. Relativamente aos **recursos sociais e comunitário**, mencionou-se: família, amigos, vizinhos, trabalho e atividades voluntárias, estudos e escola, figuras representantes da comunidade, suporte das ONGs e suporte governamental. No que toca aos **recursos religiosos**, encontrou-se: fé e espiritualidade, religião e cultura, e suporte de outras religiões. Muitas dessas estratégias são relatadas na literatura, entretanto, não se encontrou nenhuma investigação que realizou o agrupamento dos recursos dessa maneira, ou que

apresentou todos esses elementos concomitantemente nos resultados de seus estudos, fato que demonstra um diferencial e nova ótica da presente investigação realizada.

No que tange às condições e contexto dos resultados encontrados, o **refúgio prolongado** em campo foi uma preocupação que surgiu a partir dos resultados desse estudo. O fato delas reportarem em maior medida a importância dos recursos sociais e comunitários, revela coisas diferentes quando se trata das mulheres que estão em comunidade local e das que estão em um campo de refugiados a longo prazo, sendo recursos distintos num caso e no outro, bem como, com diferentes consequências no ajustamento pós-refúgio.

São diversas problemáticas envolvidas no refúgio prolongado, como levantado por Almeida et al. (2020), compreendendo que a pandemia do Covid-19 pode ter agravado essa situação, ou estendido a permanência dessas pessoas nos campos de refugiados. Os autores afirmam ainda que a perda de visibilidade desses campos na mídia tradicional, provocando uma despolitização desses indivíduos acolhidos, transforma a estadia prolongada nesse tipo de asilo como corriqueira, e infama a concepção do indivíduo em situação de refúgio, influenciando na visão da sociedade sobre os mesmos, transformando-os em figuras passivas e não desejável. Silva (2019) afirma que o refúgio prolongado não é uma situação recente, e que a grande parte dos refugiados pelo mundo se encontram nessa situação, impossibilitando um adequado reassentamento e integração após a migração forçada.

Acredita-se que enquanto efeito do cenário supracitado, muitas participantes do presente estudo se queixaram sobre o abandono no campo, refletido sobretudo nos suportes governamentais e das ONGs. Como Trindade, et al. (2021) declaram, o suporte das ONGs possui um papel fundamental no contexto do campo de refugiados, ou seja, na fase do primeiro asilo (Sam & Berry, 2006), e o governo possui grande poder e influência na definição do novo status migratório frente ao Estado (Krohling & Maria, 2017), que consequentemente afeta a imagem da população local com relação aos elementos acolhidos, principalmente no período de requerente. O desafio referido é agravado no contexto de refúgio no Iraque, devido a legislação do país (Qadir, 2019), onde a maior parte das participantes dessa investigação se encontravam. Percebeu-se que a situação de ser uma requerente, sem a possibilidade de algum dia ser refugiada e ter direitos e devida proteção no Iraque, causa um reflexo a diferentes níveis das mulheres em questão, e sobretudo na sociedade, resultando na discriminação da comunidade iraquiana para com essas mulheres, enquanto sintoma dessa conjuntura.

Entretanto, reconheceu-se ainda a importância e contribuição essencial das ONGs na paulatina e lenta mudança desse cenário, através do reassentamento das famílias de algumas participantes em outros países anfitriões, e no trabalho de integração e inserção social das

mesmas nesse novo ambiente. Admitiu-se também a importância da tarefa colocada em prática através da conscientização da igualdade de gênero, e combate às práticas culturais e religiosas negativas, principalmente no contexto dos campos de refugiados, auxiliando o enfrentamento dos desafios encontrados na nova realidade, na adaptação cultural nos campos, e no despertar para a luta de gênero.

O fator “*ser mulher*” se mostrou uma questão transversal a todos os temas abordados. Embora elas não falem explicitamente sobre as implicações de gênero em muitos momentos, de fato isso se encontra traduzido em todas as vivências relatadas, a nível da família, do trabalho, da escolaridade, da religião e suas especificidades, indo de encontro com a afirmação de Connell e Pearse (2015), de que gênero é um aspecto central que perpassa diferentes âmbitos da vida da pessoa, como o pessoal, social e relacional, e cultural.

Segundo Butler (1990, como citado em Zanello et al., 2015), as ações e performance de gênero dentro de uma sociedade binária são construídos historicamente, ensinados e repetidos dentro dos papéis sociais do homem e da mulher. Tal performance é relatada pelas mulheres entrevistadas, mesmo sem que estas as caracterizem enquanto uma repetição de performance que é esperada delas, como o cuidar da família, o ser a principal protetora dos filhos, abdicar do trabalho para ser cuidadora do lar, entre outros.

As funções do trabalho e funções sociais são esperadas de maneira diferente, a partir do olhar cultural da comunidade em que o indivíduo se encontra, por estarem associados à definição cultural daquele contexto (Connell & Pearse, 2015). Em algumas culturas, ser mulher e trabalhar é muito diferente das expectativas de ser homem e trabalhar, bem como a diferença dos tipos de trabalhos e funções esperadas que cada gênero desempenhe. Até mesmo no voluntariado, onde as mulheres estão muito mais envolvidas em funções de cuidado e prestação de auxílio do que os homens.

De acordo com Connell e Pearse (2015) é muito comum encontrar por todo o mundo experiências sociais diferentes entre mulheres e homens, ou seja, o recorrente privilégio de homens e desfavorecimento das mulheres. Entretanto, os autores complementam que cada lugar possui essa escala em níveis diferentes, no acesso aos estudos e a escolarização e instrução, o que é expectável e o que lhes é permitido. Tal teoria foi identificada no relato das participantes entrevistadas.

As entrevistadas relataram que se depararam com um novo cenário de relações de gênero trazidas pela transição de uma cultura tradicionalmente árabe, para uma cultura ocidental. Ao compararem as duas vivências em ambos os contextos culturais, identificaram um status social inferior das mulheres árabes, em comparação com as novas concepções dos direitos femininos,

alcançados pela abertura dos horizontes das ideias de igualdade de gênero proporcionadas pelos valores e direitos da sociedade anfitriã ocidental. Graham e Khosravi (1997) em seu estudo com mulheres refugiadas vindas do contexto árabe para o ocidental identificaram o mesmo em seus resultados. Bem como o fato delas afirmarem que se depararam com mais oportunidades de trabalho e estudos enquanto mulheres nas comunidades ocidentais. Esse foi um aspecto também identificado na investigação de Vsthagen et al. (2022) com mulheres refugiadas.

Entretanto, para aquelas que ainda permaneceram no contexto de campo de refugiados, percebeu-se que a dependência da assistência humanitária e autoridades anfitriãs era bem mais marcado, como também verificado por Fiddian-Qasmiyeh (2014a), além da forte responsabilização da figura masculina da família, seja o pai ou o filho na situação de incapacidade do pai, pelo trabalho e sustento. Assim, identificou-se nas mulheres mais velhas nessa conjuntura, menor ou nenhuma manifestação de possibilidades para o trabalho e estudos, apesar do desejo pelo último.

Outra questão evidenciada nos resultados foi a diferenciação da perspectiva a respeito das situações de pós refúgio vivenciadas pelas mulheres mais novas e pelas mulheres mais velhas, visto que as mais novas apresentaram mais recursos individuais de enfrentamento e resiliência, como afirmado na literatura por outros autores (Al-Smadi, et al., 2016; Sam & Berry, 2015). O resultado referido nos remete também para outra variável observada na presente pesquisa, que muitas das mulheres entrevistadas foram enquanto crianças para o primeiro asilo, passando suas infâncias e adolescência nesse contexto de acolhimento em campo de refugiados, fora do país de origem. As mais novas acusaram possuir poucas lembranças da terra natal, e isso torna a comparação das vivências em narrativas mais desafiador e delicado.

Era esperado que a religião tivesse maior influência no processo de adaptação pós refúgio, todavia, esta não revelou relevante contribuição para o reinventar, nem as práticas religiosas ligadas ao islamismo. Entretanto, foram percebidos desafios concernentes aos princípios religiosos para a aceitação na comunidade de acolhimento, fosse ela árabe ou ocidental.

A presente investigação revelou ainda que a estratégia de aculturação mais adotada foi a de integração, podendo ter relação com o tipo de migração das participantes. Hipótese levantada principalmente com relação àquelas que estão em comunidades de acolhimento, porque as que estão no campo sofrem uma separação por parte do próprio Estado anfitrião. No entanto, compreendeu-se que é uma integração cujos caminhos são diversos para estas diferentes mulheres. Observou-se um padrão mais misto na aculturação, pois há de fato um acolhimento nas culturas, nos valores, nas práticas no novo lugar onde elas se encontram, mesmo quando se relata mais tradicionalismo no contexto anfitrião (como no caso das mulheres sírias no Iraque),

ou menos tradicionalismo (como no caso das mulheres nigerianas no Chade). Embora elas retenham algumas das suas ligações com as pessoas da comunidade, algumas das suas próprias heranças, caracterizando um contato em duas vias, principalmente devido à migração forçada. Esse panorama foi relatado também na literatura sobre o tema, como na investigação de Karin e Trix (2021).

4.1. Implicações

Apesar do conhecimento produzido na literatura por investigações prévias a respeito dos refugiados, existe um gap nos estudos na conjuntura do pós-refúgio, principalmente através de um prisma positivo. Embora existam alguns estudos sobre estratégias de *coping* nessa população, principalmente desenvolvidos recentemente, muitos apresentam estratégias pouco definidas, com rasas análises, além de que apenas uma pequena quantidade traga uma organização por níveis ou categorias dessas estratégias, as quais facilitam a análise e compreensão dos leitores. A problemática relativamente ao refúgio prolongado é outro tema que carece de mais investigações na literatura, servindo a presente dissertação como impulsionadora para maiores buscas no tocante a esse assunto.

Como principal resultado do presente estudo, considerou-se que os recursos sociais e comunitários são de suma importância no reinventar em contexto de pós-refúgio, dado que tais elementos são externos às pessoas em situação de refúgio, realidade que impossibilita o manejo por parte delas mesmas desses recursos. Visto que após a fase de fuga, dentro do processo da aculturação, existem outras etapas que requerem maior suporte nesse aspecto ressaltado, faz-se necessário o investimento em estratégias de ação para amenizar essa falha de recursos. Isso quer dizer que há claramente orientações das políticas públicas, que podem necessitar ser diferenciais no acolhimento em comunidade e no acolhimento em contexto de campo e refúgio prolongado, considerando que cada contexto possui suas especificidades e demandas.

Ao nos depararmos com a problemática do refúgio prolongado, se revelando um tipo de disfunção no sistema, ou um retardamento do fluxo desejável no pós migração forçada, se faz imprescindível que exista um investimento para a retomada de estratégia para que o primeiro asilo seja realmente provisório, e com a impossibilidade de retorno para o país de origem, se tenham soluções duradouras como o reassentamento, integração local e naturalização, como descrito por Simões (2020).

Portanto, os dados oriundos da presente dissertação apontam para a demanda de reflexão sobre medidas na integração de pessoas em situação de refúgio, contando sobretudo com a

necessidade subjetiva de segurança, as quais também incluem variáveis de diferentes níveis, tais com a nível psicológico, social, comunitário, considerando as individualidades de cada família, visto que a integração não se faz de todas as pessoas da mesma maneira. Portanto, há aspectos importantes a salientar, como o gênero, idade, a religião, a cultura de base, as vulnerabilidades particulares, como doenças e perturbações psicológicas, entre outros. Logo, tomar conhecimento acerca dos elementos das estratégias de *coping* no âmbito individual, social e comunitário, e religioso, utilizados por essa população para enfrentar as adversidades, em busca de serem seres humanos menos fragmentados, se faz importante no desenho de políticas públicas nesse sentido.

Existe um conjunto de implicações para a prática neste domínio, mas que exige sobretudo uma atuação por parte do Estado considerando seu papel nesse sentido, e das instituições, trabalhando articulada e ativamente. Do mesmo modo, a conscientização da sociedade do país de acolhimento, na medida em que são as pessoas comuns sobretudo que rodeiam e participam do dia a dia dos migrantes forçados, passando a compor considerável parcela de suas jornadas, e grande parte de suas vidas.

4.2. Limitações do estudo

Apesar dos contributos da presente investigação, reconhecemos que esse estudo apresenta limitações. Em primeiro lugar salientamos que é um estudo qualitativo, com uma amostra de pequena dimensão, por conveniência, não sendo assim uma amostra representativa. As mulheres entrevistadas não compõem um grupo representativo de todas as mulheres muçulmanas em situação de refúgio, apesar de a intenção de possuir uma amostra maior e mais diversa, houve limitações de recrutamento, então os dados não devem pretender serem generalizados.

Reconhecemos também que existem algumas limitações na leitura desses dados, visto que contamos com muitos entraves linguísticos, nomeadamente a necessidade de intérpretes, algumas vezes mais de um, de maneira a propiciar a perda de sentido original da narrativa, como em outros casos, com a narrativa não sendo realizada na língua materna das entrevistadas. Desse modo, observou-se a dificuldade das entrevistadas em compreenderem alguns conceitos chave nas entrevistas. Acresce ainda aos desafios, o fato de a análise qualitativa precisar ser feita em diferentes línguas.

No que remete às questões metodológicas, as entrevistas a distância por vídeo, influenciaram no estabelecimento do *rappport*, elemento essencial para criação da relação para

tornar um ambiente de confiança e partilha. Entretanto, a investigadora principal teve experiência no campo de refugiados previamente, compensando a ausência no terreno para as entrevistas, e facilitando a compreensão do cenário descrito pelas participantes, mas trazendo outras preocupações éticas e a nível da intersubjetividade, elementos de inquietação comum nos estudos qualitativos. Como efeito positivo, as participantes notaram o espaço acolhedor, onde elas eram as protagonistas, e que suas histórias eram importantes e relevantes.

Frente a essa conjuntura que apresentou inúmeros desafios, estudos futuros poderão envolver uma recolha de dados em campo, contando com tradutores preparados, com maior diversidade de participantes em diferentes localidades do globo, buscando o aprofundamento em cada elemento dos recursos identificados, e com maior controle de variáveis individuais, em busca de uma comparação próxima à realidade e resultados mais generalizáveis. Se faz necessário ainda um maior estudo sobre os efeitos no reinventar em mulheres em refúgio prolongado, em comparação com outras que foram integradas em comunidades locais mais rapidamente.

CONCLUSÃO

Esta dissertação contribuiu para a melhor compreensão sobre as estratégias de enfrentamento utilizadas por mulheres muçulmanas no reinventar de uma forma de viver no pós refúgio. A família nuclear, a personalidade e atitudes individuais, a crença em Deus e fé, a estabilidade e estrutura de vida, os estudos e instrução, os sonhos e planos, e o trabalho e função social, foram os elementos elencados como fatores que mais auxiliaram as mulheres muçulmanas em situação de refúgio nessa missão de vida, revelando esse potencial transformador.

Esse processo de reinvenção da vida, foi e ainda é realizado por cada uma à sua maneira. Esse estudo deu voz à essas mulheres, com memórias que ganharam vida através da narrativa. Foram interlocutoras que retiraram a cortina desumana das vivências em suas memórias, projetando de maneira determinada e com esperança, luz nos próprios caminhos. Algumas expressaram o "desejo" de serem vistas, e de certa forma, o contentamento em serem protagonistas nesse espaço de entrevista, sendo retiradas da massa informe que o mundo chama de "os refugiados", e sendo convidadas a buscarem o domínio de suas experiências enquanto migrantes forçadas, porém sobretudo, enquanto mães, esposas, familiares e mulheres. Esse aspecto denota o maior ponto positivo da pesquisa qualitativa.

No que toca aos recursos individuais, sociais e comunitários, e religiosos, essa investigação se revelou importante na discriminação dessas estratégias de enfrentamento em cada um dos níveis referidos, de uma maneira robusta e com um prisma positivo. Todos os indivíduos dessa população alvo que estão adoecidos e com um diagnóstico de saúde mental, merecem um cuidado específico. Entretanto, olhar para os indivíduos que possuem um desfecho incerto, mas estão no caminho com êxito em busca de encontrarem e construir um futuro diferente através da invenção do re(existir), é essencial para compreender qual é a melhor via para um cuidado holístico e adequado por parte dos profissionais nesse ramo.

Logo, é importante salientar que as pessoas que são forçados a migrarem de seus países por motivos de guerra e conflito armado, se tornando pessoas em situação de refúgio em terras alheias, não têm recebido o suporte adequado com o objetivo da promoção de soluções duradouras para essa condição. Enquanto essa seja a realidade, não se poderá contar com um processo de reinvenção na nova vida por completo. É preciso principalmente que os Estados se responsabilizem pelo bem-estar desses indivíduos, não apenas no mundo das ideias e do papel, mas no real do terreno, onde existe ainda a grande necessidade de suporte social e comunitário, mesmo depois de anos nos campos de refugiados, como é o caso da maioria das participantes entrevistadas. Essa declaração remete à necessidade do desenvolvimento de políticas públicas

que proporcionem, no *timing* necessário, os recursos e suportes ideais, contra a degradação da vida humana nesse cenário mundial atual.

REFERÊNCIAS

- Abranches, M. (2007). Muslim Women in Portugal. Strategies of Identity (re)Construction. *Lusotopie*, 14(1), 239-254. DOI:10.1163/176830807781450708
- Agadjanian, V. (2018). Interrelationships of Forced Migration, Fertility and Reproductive Health. Em G. Hugo et al. (eds.), *Demography of Refugee and Forced Migration* (Edição 13, pp.113-124). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-67147-5_
- Almeida, G. A., Rachman, N., & Souza, B. B. (2020). Covid 19 e pessoas em situação de refúgio prolongado: proteção centrada no sujeito. Em R. Baeninger, L. R. Vedovato, & Nandy, S, *Migrações Internacionais e a pandemia de Covid-19* (223-231). Observatório das Migrações em São Paulo-NEPO/UNICAMP.
- Al-Smadi, A., Tawalbeh, L., Gammoh, O., Ashour, A., Alzoubi, F. & Slater, P. (2016). Predictors of Coping Strategies Employed by Iraqi Refugees in Jordan. *Clinical Nursing Research*, 26(5), 592–607. DOI: 10.1177/1054773816664915
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados [ACNUR]. (1951) Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados [ACNUR]. Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Protocolo_de_1967_Relativo_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados [ACNUR] (dezembro, 2021). Disponível em: <https://www.unhcr.org/uk/figures-at-a-glance.html>
- Alves, T. L. L., Amorim, A. F. A., & Bezerra, M. C. C. (2021). “Nenhum a Menos”! A Adaptação ao Home Office em Tempos de COVID-19. *Revista Administração Contemporânea*, 25. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2021200234.en>
- Alzoubi, F., Al-Smadi, A. M. & Gougazeh, Y. M. (2017). Coping Strategies Used by Syrian Refugees in Jordan. *Clinical Nursing Research*, 1-26. doi: 10.1177/1054773817749724
- Amorim, A.R. (2021). Os desafios da União Européia em matéria de Proteção aos Refugiados. *Revista de Direito Brasileira*, 28(11), 259-273.

- Aziz, I. A., Hutchinson, C. V., & Maltby, J. (2014). Quality of life of Syrian refugees living in camps in the Kurdistan Region of Iraq. *PeerJ*, 2(e670). DOI: 10.7717/peerj.670
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo* (10th Ed.). São Paulo: Edições 70.
- Basheti, A. I, Ayasrah, S. M., Basheti, M. M., Mahfuz, J.& Chaar, B.(2019) The Syrian refugee crisis in Jordan: a cross sectional pharmacist-led study assessing post-traumatic stress disorder. *Pharmacy Practice*, 17(3), 1-10. <https://doi.org/10.18549/PharmPract.2019.3.1475>
- Bauman, Z. (2016). *Strangers at Our Door*. Polity Press.
- Becker, S. O. & Ferrara, A. (2019). Consequences of forced migration: A survey of recent findings. *Labour Economics*, 59(2019), 1-16.
- Benson, G. O., Sun, F., Hodge, D. R., & Androff, D. K. (2011). _Religious coping and acculturation stress among Hindu Bhutanese: A study of newly-resettled refugees in the United States. *International Social Work*, 55(4) 538–553. DOI: 10.1177/0020872811417474
- Berry, J. W. (1970). Marginality stress and ethnic identification in an acculturated Aboriginal community. *Journal of cross-cultural psychology*, 1, 239-252. <https://doi.org/10.1177/135910457000100303>
- Berry, J.W., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative studies of acculturative stress. *International Migration Review*, 21, 491-511. doi:10.1177/019791838702100303
- Berry, J.W., Kim, U., Power, S., Young, M., & Bujaki, M. (1989). Acculturation attitudes in plural societies. *Applied Psychology*, 38, 185-206. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1989.tb01208.x>
- Berry, J. W. (1991). Refugee adaptation in settlement countries: an overview with an emphasis on primary prevention. Em F. L. Ahearn, Jr., & J. L. Athey (eds.), *Refugee children: theory, research, and services* (pp.20-38). Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- Berry, J.W. (1997). Immigration, acculturation and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 5-68. doi:10.1111/j.1464-0597.1997.tb01087.x
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Breugelmans, S. M., Chasiotis, A., & Sam, D. L. (2015). *Cross-Cultural Psychology: Research and Applications* (3a ed.). Cambridge University Press.
- Betts, A. (2009). *Forced Migration and Global Politics*. Wiley-Blackwell.
- Bochner, S. (2003). Culture shock due to contact with unfamiliar cultures. *Online Readings in Psychology and Culture*, 8(1), 1-12.

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bundy, C. (2016). Migrants, refugees, history and precedents. *Forced Migration Review*, vol. 51(1), 5-6.
- Burigo, A. C., & Porto, A. F. (2021). Agenda 2030, saúde e sistemas alimentares em tempos de sindemia: da vulnerabilização à transformação necessária. *Ciência Saúde Coletiva*, 26(10), 4411-4424. DOI: 10.1590/1413-812320212610.13482021
- Butler, J. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. (1990) In: CASE, S.- H. (Org.). *Performing feminisms: feminist critical theory and theatre* (pp. 296-314). Baltimore: Johns Hopkins.
- Cardoso, E. A. O., Silva, B. C. A., Santos, J. H., Lotério, L. S., Accoroni, A. G., Santos, M. A. (2020). Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 28(e3361). DOI: 10.1590/1518-8345.4519.3361
- Carling, J. (2014, setembro, 23-25). The role of aspirations in migration. In *Determinants of International Migration [Apresentação de Paper]*. Oxford: International Migration Institut.
- Castles, S., Haas, H. & Miller, M. J. (2014). *The age of Migration: International Population Movements in the Modern World* (5ª edição). Palgrave Macmillan.
- Cho, S., Crenshaw, K. W., & McCall, L. (2013). Toward a Field of Intersectionality Studies: Theory, Applications, and Praxis. *Journal of Women in Culture and Society*, 38(4), 785–810. doi:10.1086/669608
- Church, T.A. (1982). Sojourner adjustment. *Psychological Bulletin*, 91(3), 540-572. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0033-2909.91.3.540>
- Connell, R & Pearse, R. (2015). *Gender: In World Perspectives* (3ª edição). Polity Press.
- Costa, R., Lino, M. M., Souza, A. I. J., Lorenzini, E., Fernandes, G. C. M., Brehmer, L. C. F., Vargas, M. A. O., Locks, M. O .H., & Gonçalves, N. (2020). Ensino de enfermagem em tempos de covid-19: como se reinventar nesse contexto? *Texto & Contexto Enfermagem*, 29. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0002-0002>
- De Genova, N. (2017). Introduction. The borders of “Europe” and the European question. Em *The Borders of “Europe”* (pp. 1-36). Duke University Press. <https://doi.org/10.1515/9780822372660-002>

- Dhall, S (2018). Immigrants and refugees: trauma, perennial mourning, prejudice and border psychology. *Psychodynamic Practice*. DOI: 10.1080/14753634.2018.1446185
- Dubus, N. (2020). Once arrived: A qualitative study of refugees and service providers in the first six months of resettlement. *Journal of Social Work*, 1-19. DOI: 10.1177/1468017320929267
- Ecke, J., & Wirtz, E. (2021). Forced Migration. *Oxford Research Encyclopedias, Anthropology*. 1-37. DOI: 10.1093/acrefore/9780190854584.013.468
- Erdogmus, N. Y. (2021). Tackling Gendered Aspects of Acculturation Through Turkish Migrant Women's Experiences in Europe. [Dissertação de mestrado não publicada]. Repositório ISCTE-IUL.
- Fiddian-Qasmiyeh, E.(2014a). *The Ideal Refugees: Gender, Islam, and the Sahrawi Politics of Survival*. Syracuse University Press.
- Fiddian-Qasmiyeh, E. (2020). Introduction Refuge in a moving world: Refugee and migrant journeys across disciplines. Em E. Fiddian-Qasmiyeh, *Refuge in a Moving World: Tracing Refugee and Migrant Journeys across Disciplines* (pp. 1-19). UCL Press.
- Figueiredo, N., Ferreira, N. N. S. & Castro, B. T. C. (2020). O Feminismo no Âmbito das Relações Internacionais: Ocidente X Oriente e o Protagonismo da Mulher Muçulmana. *Malala*, 8(11), 71-86.
- Figueiredo, M.V.M.A. (2021). Dez anos da Guerra Mundial da Síria: O Internacional e o subnacional numa das maiores catástrofes humanitárias do Oriente Médio. *Mural Internacional*, 12(59456). DOI: 10.12957/rmi.2021.59456
- Furnham, A. (2010). Culture shock: Literature review, personal statement and relevance for the South Pacific. *Journal of Pacific Rim Psychology*, 4(2), 87-94. <https://doi.org/10.1375/prp.4.2.87>
- Gontijo, S. B. F., & Matias, J. P. (2022). Reinvenção Pedagógica em Tempos de Pandemia. *Formação de Professores na Perspectiva Freireana - políticas, concepções e experiências*, 4(8). <https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2022.v4i1n8.424-447>
- Graham, M., & Khosravi, S. (1997). Home is Where you Make it: Repatriation and Diaspora Culture among Iranians in Sweden. *Journal Of Refugee Studies*, 10(2), 115–133. Doi:10.1093/Jrs/10.2.115
- Hall, K. (2020) Transnational Psychology of Women Expanding International and Intersectional Approaches. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 46(3), 304-306. DOI: 10.1080/0092623X.2020.1718271

- Harris, W. (2018). War in Syria and Iraq, 2014-2017. Em W. Harris (Ed), *Quicksilver War: Syria, Iraq and the Spiral of Conflict* (pp. 55-102). Oxford University Press.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 363–372.
- International Committee of the Red Cross [ICRC] (outubro, 2022). Disponível em: https://ihl-databases.icrc.org/applic/ihl/ihl.nsf/States.xsp?xp_viewStates=XPages_NORMStatesParties&xp_treatySelected=475
- Kargin, I. A & Trix, F. (2021). Stress Factors of Syrian Refugees in Turkey: Pre-Migration, Post-Migration, and Coping with Nostalgia. *Journal of Economy Culture and Society*, 21(63), 1-17. DOI: 10.26650/JECS2020-0094
- Killick, D. (2008). Culture Shock and Cultural Adjustment. Em C. Daglish & P. Evans (Eds.), *Teaching in the Global Business Classroom* (pp. 20-36). Cheltenham: Edward Elgar.
- Krohling, A., & Maria, J. S. (2017). A Crise dos Refugiados Sírios na Europa. *Revista Internacional Consinter de Direito*, 3(4). DOI: 10.19135/revista.consinter.00004.03
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Springer.
- Lewis, N. (2008). Iraqi Women, Identity, and Islam in Toronto: Reflections on a New Diaspora. *Canadian Ethnic Studies*, 40(3), 131-147. DOI: 10.1353/ces.2008.0016
- Lindegaard, T. (2022). Internet-based treatment of depression and anxiety among migrants and refugees in Sweden. *Linköping Studies in Behavioural Science*, 237. DOI: 10.3384/9789179291402
- Mustafa, Y. (2021). A Review of Culture Shock: Attitudes, Effects and the Experience of International Students. *Journal of Intercultural Communication*, 21(3), 14-25. <https://doi.org/10.36923/jicc.v21i3.18>
- Mwenyango, H. (2021). Gendered dimensions of health in refugee situations: An examination of sexual and gender-based violence faced by refugee women in Nakivale refugee settlement, Uganda. *International Social Work*, 00(0) 1-15. doi:10.1177/00208728211003973
- Oberg, K. (1954, Agosto 3). *Culture shock* [apresentação oral]. Clube Feminino do Rio de Janeiro, Brasil. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.461.5459&rep=rep1&type=pdf>
- Oberg, K. (1960). Culture Shock: Adjustment to New Cultural Environments. *Practical Anthropology* 7, 177-182.

- Organização Internacional para as Migrações [OIM]. (2009). Glossário sobre Migração. *Direito Internacional da Migração*, vol. 22. Disponível em: <https://www.acm.gov.pt/documents/10181/65144/Gloss%C3%A1rio.pdf/b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b>
- Organização das Nações Unidas [ONU]. (1993, junho 14-25). *Declaração e Programa de Ação de Viena: Conferência Mundial sobre Direitos Humanos*. [Sessão de Conferência], Viena, Áustria. https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_viena.pdf
- Organização das Nações Unidas [ONU]. ONU News - Perspectiva Global Reportagens Humanas (2021, dezembro). *Naufração deixa pelo menos 31 mortos no Mar Egeu*. <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1774902>
- Palacios Valencia, Y. (2016). Perspectiva de género en los fenómenos migratorios: estudio desde Europa y América Latina. *Revista CES Derecho*, 7(2), 145-162.
- Papadakaki, M, Iliadou, M., Sioti, E., Petelos, E. & Vivilaki, V. (2021). The Perinatal Journey of a Refugee Woman in Greece: A Qualitative Study in the Context of the ORAMMA Project to Elucidate Current Challenges and Future Perspectives. *Sexes*, 2(2021), 452-467. <https://doi.org/10.3390/sexes2040036>
- Perret, G., & Melella, C. (2021). Migración y géneros en el conurbano bonaerense. Una propuesta de trabajo sobre análisis mediático. *Del prudente saber*, 22(13), 208–228.
- Piguete, E. (2018). Theories of Voluntary and Forced Migration. Em R. McLeman & F. Gemenne (, *Routledge Handbook of Environmental Displacement and Migration* (pp. 17-28). Routledge International Handbooks.
- Qadir, A. A. (2019). Legal Status of Asylum Seekers and Refugees in Iraq and Kurdistan Region of Iraq. *The Scientific Journal of Cihan University – Slemani*, 3(2). 105-127. DOI: <http://dx.doi.org/10.25098/3.2.28>
- Ravitch, S. M., & Carl, N. (2021). *Qualitative Research: Bridging the Conceptual, Theoretical, and Methodological* (2ª edição). Sage Publications
- Rennes, W. & Salem, I. (2009). Post-Traumatic Stress in Asylum Seekers and Refugees From Chechnya, Afghanistan, and West Africa: Gender Differences in Symptomatology and Coping. *International Journal of Social Psychiatry*, 55(2), 99-108. DOI: 10.1177/0020764008092341

- Rizkalla, N., Arafa, R., Mallat, N.K., Soudi, L., Adi, S. & Segal, S. P. (2019). Women in refuge: Syrian women voicing health sequelae due to war traumatic experiences and displacement challenges. *Journal of Psychosomatic Research*. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2019.109909>
- Saab, B. R., Stevenson, K., Chahrouri, M., Rukbi, G., Usta, J., Reynolds, R. M., & Alameddine, R. (2020). Psychological Distress among Syrian Refugee Women and a Control Group in an Urban Settlement in Beirut- a Pilot Study. *Psychiatric Quarterly*, *91*, 915–919. <https://doi.org/10.1007/s11126-020-09749-y>
- Sam, D. L. & Berry, J. W (eds.) (2006). *The Cambridge Handbook of: Acculturation Psychology*. Cambridge University Press.
- Santinho, M. T. (2013). Afinal, que asilo é esse que não nos protege? *Etnográfica*, *17*(1), 5-29.
- Santinho, M. C. (2016). *Refugiados e Requerentes de Asilo em Portugal: Contornos Políticos no Campo da Saúde* (Teses; 48). Edição Alto-Comissariado para as Migrações (ACM, I.P.)
- Santos, C. (2014). A mulher no Oriente Médio e o Feminismo Islâmico. *Conjuntura Global*, *3*(4), 210-217.
- Santos, J. C. S. S., & Delicato, C. T. (2021). As Religiosidades em Campos de Refugiados e as Fronteiras que Criamos. *Malala*, *9*(12), 30-45. DOI: 10.11606/issn.2446-5240.malala.2021.181403
- Scherf, E. L. & Gonzalez, R. M. (2018). Migração Forçada e Crise Humanitária no Mianmar: Rohingya – Sem Território, Sem Nação e Sem Direitos. *Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais*, *5*(10), 37-73. DOI: 10.22478/ufpb.2318-9452.2018v5n10.37368
- Schmidt, A. (2003). “Camps versus settlements”. IN: FMO Thematic Guide, 2003. Acesso: <https://www.alnap.org/system/files/content/resource/files/main/fmo021.pdf>
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade* *20*(2), 71-99.
- Shaw, S. A., Peacock, L., Ali, L. M., Pillai, V., & Husain, A. (2019). Religious Coping and Challenges Among Displaced Muslim Female Refugees. *Journal of Women and Social Work*, *34*(4) 518-534. DOI: 10.1177/0886109919866158
- Silva, M. C. & Carvalho, F. R. (2018). Refugiados: os principais conflitos entre a soberania das nações e a dignidade humana. [Trabalho de Conclusão de Curso não publicado]. Repositório Digital Univag.

- Silva, D. F. (2019, outubro 9-10). O refúgio prolongado nos campos de refugiados e seus espaços intermediários e permanências... [Anais]. XI Encontro Nacional sobre Migrações, realizado no Museu da Imigração do Estado de São Paulo, em São Paulo- SP.
- Simões, B. B. O. (2020). Paradoxos do refúgio e reassentamento como solução duradoura. *Revista Videre*, 12(23), 96-110. DOI 10.30612/videre. v. 12i23.11117
- Smith, L. R. (2013). Female refugee networks: Rebuilding post-conflict identity. *International Journal of Intercultural Relations*, 37(13), 11–27.
- Souza, B. B. (2017). Proteção aos direitos das mulheres em campos de refugiados: um Estudo de Caso (Dadaab, Quênia). [Dissertação de Mestrado em Direitos Humanos não publicada]. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.
- Stamatel, J. P. & Zhang, C. (2018). Risk Factors for Violence Against Refugee Women. Em H. Kury, S. Redo (Eds.), *Refugees and Migrants in Law and Policy* (pp. 625-646). Springer
- Tavares, J. N. (2020). O cuidado psicossocial no campo da saúde mental infantojuvenil: desconstruindo saberes e reinventando saúde. *Saúde Debate*, 44(127), 1176-1188. DOI: 10.1590/0103-1104202012717
- Trindade, P., Moutinho, L., Valentim, O., & Longo, J. (2021). Dificuldades sentidas pelos profissionais de saúde que exercem voluntariado em campos de refugiados na Grécia. *Comunicação oral*. Conferência: 4ª Reunião Internacional Rede Académica das Ciências da Saúde da Lusofonia, Benguela – Angola. <https://www.researchgate.net/publication/357225862>
- União Europeia. Tratado da União Europeia. (1993). *Jornal Oficial da União Europeia*. Disponível em: https://eur-lex.europa.eu/resource.html?uri=cellar:9e8d52e1-2c70-11e6-b497-01aa75ed71a1.0019.01/DOC_2&format=PDF
- União Europeia. Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia. (2016). *Jornal Oficial da União Europeia*. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:12016P/TXT&from=FR>
- União Europeia. Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia. (2016). *Jornal Oficial da União Europeia*. Disponível em: https://eur-lex.europa.eu/resource.html?uri=cellar:9e8d52e1-2c70-11e6-b497-01aa75ed71a1.0019.01/DOC_3&format=PDF

- United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR]. (2012) Global Trends- Forced Displacement in 2012. Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/country/51bacb0f9/unhcr-global-trends-2012.html>
- United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR]. (2015) Global Trends- Forced Displacement in 2015. Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>
- United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR]. (2021) Global Trends- Forced Displacement in 2020. Disponível em: <https://www.unhcr.org/uk/figures-at-a-glance.html>
- Vascotto, F., & Silva, C. A. S. (2021). Integração Social Escolar de Migrantes na Perspectiva da Interculturalidade. Em A. A. M. Contini, G. S. Preussler, & W. C. S. Nozu (Eds.), *Fronteiras e Direitos Humanos: análises interdisciplinares* (pp. 198-212). Editora Íthala.
- Vasthagen, M., Ozdemir, M., Ghaderi, A., Kimber, B., Giles, C. J., Ozdemir, S. B., Oppedal, B., & Enebrink, P. (2022). Refugee parents' experiences of coming to Sweden: A qualitative study. *International Journal of Intercultural Relations*, 91(22) 97–109. DOI: 10.1016/j.ijintrel.2022.08.010
- Velenzuela, C. R., Méndez, M. J. M., Blanco, A. & Blanco, R. (2019). Exposure to traumatic events and perceptual priming in forcibly displaced Colombian population in Ecuador. *Anales de Psicología*, 35(3), 483-489. <http://dx.doi.org/10.6018/analesps.35.3.315401>
- Walther, L., Amann, J., Flick, U., Tam Ta, T. M., Bajbouj, M., & Hahn, E. (2021). A qualitative study on resilience in adult refugees in Germany. *BMC Public Health*, 21(828). DOI:10.1186/s12889-021-10817-6
- Walther, W. (1999). *Women in Islam* (3a ed.). Markus Wiener Publishers Princeton.
- Ward, C. (1996). Acculturation. Em D. Landis & R. S. Bhagat (Eds.), *Handbook of intercultural training* (pp. 124–147). Sage Publications, Inc.
- Ward, C. & Kennedy, A. (1999). The measurement of sociocultural adaptation. *International Journal of Intercultural Relations*, 23, 659-677.
- Ward, C., Bochner, S. & Furnham, A. (2001). *The Psychology of Culture Shock* (2a ed.) Routledge.
- Yee, B. W. K. (1990). Elders in Southeast Asian refugee families. *Generations*, Summer, 24-27.

- Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. S. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1483>
- Zanello, V. & Silva, R. M. C. (2012). Saúde mental, gênero e violência estrutural. *Revista bioética* 20(2), 267-279.
- Zbidat, A., Georgiadou, E., Borho, A., Erim, Y., & Morawa, E. (2020). The Perception of Trauma, Complaints, Somatization, and Coping Strategies among Syrian Refugees in Germany- A Qualitative Study of an At-Risk Population. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(693). doi:10.3390/ijerph17030693

ANEXOS

Anexo A. Consentimento Informado.



CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito de um projeto de investigação a decorrer no **Iscte – Instituto Universitário de Lisboa**. O estudo tem por objetivo investigar **quais fatores auxiliam mulheres muçulmanas, que necessitam de proteção internacional, a reinventarem uma forma de viver/na readaptação pós refúgio**.

O estudo é realizado por **Evelyn Cavalcanti (eccia@iscte-iul.pt)**, que poderá contactar caso pretenda esclarecer alguma dúvida ou partilhar algum comentário.

A sua participação no estudo, que será muito valorizada pois irá contribuir para o avanço do conhecimento neste domínio da ciência, consiste em **participar de uma entrevista semiestruturada, na qual a duração será critério da participante**. Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo, na medida em que você é livre para não discutir quaisquer questões com as quais possa se sentir desconfortável ou que possam ser perturbadoras para você.

A participação no estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher livremente participar ou não participar. Se tiver escolhido participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também **anónima** e **confidencial**. Os dados obtidos destinam-se apenas para análise temática, não serão relatados individualmente, e os resultados incluirão pequenos trechos não vinculados a nenhum participante em particular. Os mesmos serão transcritos, enquanto o arquivo em áudio será excluído.

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pela investigadora, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora, pelo que **aceito nele participar**, e aceito a gravação da entrevista por áudio (sem imagem) para futura transcrição e análise do ficheiro de voz.

Lisboa, ____/____/2022

Nome: _____

Assinatura: _____

ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa 351 217 903 000
www.iscte-iul.pt www.facebook.com/ISCTEiUL twitter.com/iscteul www.linkedin.com/company/iscte-iul www.flickr.com/photos/iscteul www.youtube.com/user/iultv



INFORMED CONSENT

This study is part of a research project taking place at **Iscte – Instituto Universitário de Lisboa**. The study aims to **investigate which factors help Muslim women, who need international protection, to reinvent a way of living/at re-adaptation after refuge**.

The study is conducted by **Evelyn Cavalcanti (eccia@iscte-iul.pt)**, who you may contact to clear up any doubts or share comments.

Your participation in the study, which is highly valued as it will contribute to the advancement of knowledge in this field of science, consists of **participate in a semi-structured interview, which the duration will be at the participant's discretion**. There are no expected significant risks associated with participating in the study, as you are free to do not discuss any issues that you may be uncomfortable with or that may be upsetting to you.

Participation in the study is strictly **voluntary**: you may choose freely whether to participate or not to participate. If you have decided to participate, you may stop your participation at any time, without having to provide any justification. In addition to being voluntary, your participation is also **anonymous** and **confidential**. The obtained data are merely for thematic analysis, will not be reported individually, and the results will include small text excerpts not linked to any particular participant. The same will be transcribed, while the audio file will be deleted.

I declare that I have understood the aims of what was proposed to me, as explained by the investigator, that I was given the opportunity to ask any questions about this study and received a clarifying reply to all such questions, and **accept participating** in the study, and I accept the audio recording of the interview (no image) for future transcription and analysis of the voice file.

Lisbon, ____/____/2022

Name: _____

Signature: _____

CONSENTEMENT INFORMÉ

Cette étude fait partie d'un projet de recherche qui se déroule à l'Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. L'étude vise à **déterminer les facteurs qui aident les femmes musulmanes ayant besoin d'une protection internationale, à réinventer un mode de vie/faire une réadaptation après le refuge.**

L'étude est menée par **Evelyn Cavalcanti (eccia@iscte-iul.pt)**, que vous pouvez contacter si vous avez des questions ou des commentaires.

Votre participation à l'étude, qui sera très appréciée, car elle contribuera à l'avancement des connaissances dans ce domaine scientifique, consiste à participer à **un entretien semi-structuré dont la durée sera laissée à la discrétion du participant.** La participation à l'étude ne devrait pas comporter de risques importants, dans la mesure où vous êtes libre de ne pas aborder les questions qui vous mettent mal à l'aise ou qui vous dérangent.

La participation à l'étude est strictement **volontaire** : vous pouvez choisir librement de participer ou de ne pas participer. Si vous avez choisi de participer, vous pouvez interrompre votre participation à tout moment sans avoir à fournir de justification. En plus d'être volontaire, la participation est également **anonyme** et **confidentielle**. Les données obtenues sont destinées uniquement à une analyse thématique, ne seront pas rapportées individuellement et les résultats comprendront de courts extraits non liés à un participant particulier. Ceux-ci seront transcrits, tandis que le fichier audio sera supprimé.

Je déclare avoir compris les objectifs de ce qui m'a été proposé et expliqué par la chercheuse, avoir eu l'occasion de poser toutes les questions sur la présente étude et avoir obtenu une réponse éclairante à toutes, et donc **j'accepte d'y participer**, et j'accepte l'enregistrement audio de l'entretien (sans image) pour une future transcription et analyse du fichier vocal.

Lisbonne, ____/____/2022

Nom: _____

Signature: _____

Anexo B. Questionário Sociodemográfico.

Questionário Sociodemográfico

Idade: _____

Nacionalidade: _____

Estado civil: solteira / casada / divorciada / viúva

Maternidade: Não

Sim Quantos filhos?

Nível de escolaridade: Nunca frequentou / Básico / Secundário / Superior

Religião: _____

Trabalha atualmente ou planeja trabalhar? Não

Sim Qual trabalho?

Ocupação no país de origem: _____

Localização/acomodação atual: (casa / apartamento / campo / centro de acolhimento / outro: _____)

País anfitrião: _____

Há quanto tempo está no país anfitrião? _____

Membros da família no país de origem: Nenhum

Sim Quantos? Quais?

Membros da família no país anfitrião: Nenhum

Sim Quantos? Quais?

Status migratório: (*Pedido de asilo*: não requerido / em espera / deferido / indeferido)

Motivo da migração: _____

Por que escolheu esse país? _____

Possui algum problema de saúde? Não

Sim Qual? _____

Sociodemographic Questionnaire

Age: _____

Nationality: _____

Marital status: single / married / divorced / widowed

Maternity: No

Yes How many children?

Level of education: Never attended / Basic / Secondary / Higher

Religion: _____

Do you currently work or plan to work? No

Yes What job?

Occupation in the country of origin: _____

Current location/accommodation: (house / apartment / camp / reception / center / other)

Host country: _____

How long have you been in the host country? _____

Family members in host country: Non

Yes How many? Who?

Migration status: (*Asylum Application*: not required / on hold / granted / refused)

Reason for migration: _____

Why did you choose this country?

Do you have any health problems? No

Yes Which one? _____

Questionnaire Sociodémographique

Âge : _____

Nationalité: _____

État civil: célibataire / marié / divorcé / veuve

Maternité: Non

Oui Combien d'enfants?

Niveau d'éducation: Jamais fréquenté / basique / secondaire / supérieur

La religion: _____

Travaillez-vous actuellement ou envisagez-vous de travailler? Non

Oui Quel travail?

Profession dans le pays d'origine: _____

Lieu actuel/logement: maison / appartement / camp / centre d'accueil / autre: _____

Pays d'accueil _____

Depuis combien de temps êtes-vous dans votre pays d'accueil? _____

Membres de la famille dans le pays d'origine : Aucun

Oui Combien? Lesquelles?

Membres de la famille dans le pays d'accueil: Aucun

Oui Combien? Lesquelles?

Statut migratoire: (*Demande d'asile*: non demandée / en attente / accepté / rejetée)

Motif de la migration: _____

Pourquoi avez-vous choisi ce pays? _____

Avez-vous des problèmes de santé? Non

Oui Laquelles? _____

Anexo C. Guião de Entrevista.

Guião de Entrevista

Introdução

1. Como você descreveria sua experiência de migração?
2. Quais os seus maiores desafios para a adaptação no novo país onde está?
3. Na sua opinião, qual é a diferença entre a experiência de migração forçada para uma mulher e para um homem? E no país onde você está em particular?
4. Como você acha que seria migrar sozinha em vez de migrar com sua família? (ou vice-versa, dependendo de com quem ela migrou)

Recursos individuais

5. Quais características da sua personalidade você acha que ajudaram no processo de adaptação?
6. De que forma você passou a resolver os problemas que surgem na sua vida nesse novo país?
7. Como você descreveria as mudanças que aconteceram em seus costumes diários?
8. Quais hábitos da nova cultura você acha que integrou ao seu dia a dia?

Recursos sociais e comunitários

9. Quais características da sua família você acha que ajudaram no processo de adaptação?
10. Como tem sido suas relações de amizade no novo país e no país de origem? Como tem sido estabelecer novas relações de amizade no país X anfitrião? E desde que está aqui, de que forma tem mantido as relações de amizades no seu país de origem?
11. Como você descreveria a qualidade do apoio que recebeu (de outros membros da comunidade, associações/organizações da sociedade civil, entidades públicas/oficiais, outros autoridades, outras mulheres etc.)?
12. Como descreveria o seu sentido de pertencimento a esse novo país (e comunidade)?

Recursos religiosos

13. Como é ser uma mulher muçulmana no país onde você se encontra?
14. A partir do momento em que você migrou, houve alguma alteração nas suas práticas religiosas? Quais?
15. Como você considera a sua fé após a migração?

Conclusão

16. O que você realçaria como aspecto mais importante que mais a ajudou a se reinventar nesse novo contexto de vida?
17. Que conselhos você daria a mulheres que pensam em migrar para outros países como você?

Interview Guide

Introduction

1. How would you describe your migration experience?
2. What are your biggest challenges for adapting to the new country where you are?
3. In your opinion, what is the difference between the experience of forced migration for a woman and a man? And in the country where you are in particular?
4. What do you think it would be like to migrate alone instead of migrating with your family? (or vice versa, depending on who she migrated with)

Individual Resources

5. What personality traits do you think helped in the adaptation process?
6. How did you come to solve the problems that arise in your life in this new country?
7. How would you describe the changes that have taken place in your daily habits?
8. What habits of the new culture do you think you have integrated into your daily life?

Social and Community Resources

9. What characteristics of your family do you think helped in the adaptation process?
10. How have your friendships been in the new country and in the country of origin? How has it been to establish new friendships in host country X? And since you've been here, how have you maintained friendships in your home country?
11. How would you describe the quality of support you received (from other community members, civil society associations/organizations, public/official entities, other authorities, other women, etc.)?
12. How would you describe your sense of belonging to this new country (and community)?

Religious resources

13. What is it like to be a Muslim woman in the country where you are located?
14. Since the moment you migrated, have there been any changes in your religious practices? Which?
15. How do you consider your faith after the migration?

Conclusion

16. What would you highlight as the most important aspect that helped you to reinvent yourself in this new context of life?
17. What advice would you give to women who are thinking about migrating to other countries like you?

Guide d'Entretien

Introduction

1. Comment décririez-vous votre expérience de la migration?
2. Quels sont vos plus grands défis d'adaptation dans le nouveau pays où vous vous trouvez?
3. À votre avis, quelle est la différence entre l'expérience de la migration forcée pour une femme et un homme ? Et dans le pays où vous vous trouvez en particulier?
4. Que pensez-vous que ce serait de migrer seul au lieu de migrer avec votre famille? (ou vice versa, selon la personne avec laquelle elle a migré).

Ressources individuelles

5. Quels sont les traits de votre personnalité qui, selon vous, ont facilité le processus d'adaptation?
6. Par quels moyens avez-vous réussi à résoudre les problèmes qui se posent dans votre vie dans ce nouveau pays?
7. Comment décririez-vous les changements qui se sont produits dans vos habitudes quotidiennes?
8. Quelles habitudes de la nouvelle culture pensez-vous avoir intégrées dans votre vie quotidienne?

Ressources sociales et communautaires

9. Quelles sont les caractéristiques de votre famille qui, selon vous, ont facilité le processus d'adaptation?
10. Qu'est-ce que cela vous a fait de vous faire de nouveaux amis dans votre nouveau pays et dans votre pays d'origine? Comment avez-vous vécu l'établissement de nouvelles relations d'amitié dans votre pays d'accueil? Et depuis que vous êtes ici, de quelle manière avez-vous maintenu vos relations d'amitié dans votre pays d'origine?
11. Comment décririez-vous la qualité du soutien que vous avez reçu (d'autres membres de la communauté, d'associations/organisations de la société civile, d'organismes publics/officiels, d'autres autorités, d'autres femmes, etc.)?
12. Comment décririez-vous votre sentiment d'appartenance à ce nouveau pays (et à cette nouvelle communauté)?

Ressources religieuses

13. Comment est-ce d'être une femme musulmane dans le pays où vous vous trouvez?
14. Depuis que vous avez émigré, y a-t-il eu des changements dans vos pratiques religieuses? Lesquelles?
15. Comment considérez-vous votre foi après la migration?

Conclusion

16. Quel est, selon vous, l'aspect le plus important qui vous a aidé à vous réinventer dans ce nouveau contexte de vie?
17. Quels conseils donneriez-vous aux femmes qui, comme vous, envisagent d'émigrer vers d'autres pays?

Anexo D. Dicionário das Categorias.

Categoria	Definição	Subcategoria	Excerto Exemplo
Reinventar	Referência aos aspectos mais importantes, segundo as mulheres em refúgio entrevistadas, que auxiliaram no inventar a si mesma no novo contexto de vida	1. Família nuclear	<i>I think it's only, like... because I'm with my family, they helped me. So the reason (that helped to reinvent herself) is my family. If I was alone, with another... with my cousin or my aunt, it would be diferente (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).</i>
		2. Personalidade e atitudes individuais	<i>Tradutor: So, first thing is her confidence, she was very confident. And the most important that she mentioned is that she starts to accept 'this is the truth', the true it is the fact that she lives in. So she had to accept this, and she had to face it. So she had to face she wasn't in that [...] to gain in this situation, but then she faces and she had to think like, 'nothing will destroy'. Instead of she surrenders, she said... So she wants to continue studying, her education and go ahead with her normal life. So tomorrow if she will come back to her home country, she can serve her country with her education. She can help herself with her education. This is better than surrender (Participante 13- HM, 20 anos, Iraque).</i>
		3. Crença em Deus e fé	<i>So it was really difficult. Sometimes when I think about that, yeah, I waited a long to get my visa, but it was better for me, maybe, my God, write this plan for me. Maybe it was better for me because some people, other people like my father and my family member, they went through difficult story and situations to get here (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).</i>
		4. Estabilidade e estrutura de vida	<i>Entrevistador: (Resumo do que foi dito pela participante) So, having this kind of structure and new opportunities, you think that helped you to reinvent yourself... To rebuild yourself... to this new life, that the future is showing you, that Canada is offering to you? Participante: Yeah, because here offering for me stability, for me and my family. So I can think like, what I want. Yeah (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).</i>

		<p>5. Estudos e instrução</p> <hr/> <p>6. Sonhos e planos</p> <hr/> <p>7. Trabalho/função social</p>	<p>Entrevistador: <i>What do you think that is the most important thing that helped you to rebuild this new life in Australia?</i> Participante: <i>I think studying in here. Open the eyes.</i> Entrevistador: <i>Open the eyes.</i> Participante: <i>Open the eyes and see the people, What was happening in the world</i> (Participante 5- ER, 20 anos, Austrália).</p> <hr/> <p><i>Trying to adapt as fast as possible. And don't think much about the past of your life... Adapt to that new life you are living and move with it. Because in my mind, in my head, before I moved to Canada, that's all I had. Like, I already planned, like, 'I'm going to study and I will have a better life there'. And I kept that line with me, like, the whole time</i> (Participante 10-JZ, 20 anos, Canadá).</p> <hr/> <p>Tradutor: <i>Elle dit que vraiment elle va commencer avec la sensibilisation. Et chaque samedi et dimanche elles se réunissent dans le Mini-centre des femmes, pour discuter entre elles sur leur avenir, si elle trouvent de l'argent réfléchir sur comment elles vont faire le commerce. Elle fait ainsi la sensibilisation. Le Camp est divisé en Bloc et dans chaque Bloc il y a une représentante des femmes avec qui elle fait la sensibilisation pour provoquer de meilleurs changements et dans l'avenir avoir les mêmes droits que les hommes</i> (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).</p>
<p>Segurança</p>	<p>A segurança enquanto motivação para a migração do país de origem frente à situação de guerra, e motivo de permanência no país de acolhimento, apesar das dificuldades e problemas</p>	<p>-</p>	<p>Tradutor: <i>Quand elle était au Nigeria elle faisait du commerce et beaucoup d'autres activités malgré le fait qu'il y'a beaucoup de problèmes de sécurité au Nigeria. Et elle a tout perdu dans l'attaque des Boko-Haram. Mais elle se sent bien ici au Tchad parce qu'il y a une grande sécurité et elle se sent en grande sécurité et ceci est très important pour elle et représente un changement et une grande différence pour elle</i> (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).</p> <p><i>Can't say that a lot of members of my family, I'm thankful for that, but a lot of people died. And that was the reason that there was no a lot of production and safety in my country. And then we decided to go to Kurdistan, maybe for a better life, because in Syria, in my country, there</i></p>

	enfrentados em diversas esferas da vida	<i>were no work. Even when we went to the school, that was not safe (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).</i>
Aculturação e adaptação		<p>Desafios para a adaptação</p> <p><i>I think the kurdish language, like, learn to speak like them, because it's hard for me. It's the hardest challenge in my life here, because my family is here with me. I have a friend, so just the language is the challenge that we need.</i> <i>It's hard for me to speak like them. Now also in the college on Institute, I still speak with... They are my friend; I'm speaking with them like English. (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).</i></p>
	<p>Processo vivenciado pelas mulheres em refúgio para a adaptação no país de acolhimento, incluindo todas as nuances e componentes do mesmo</p>	<p>Estratégias de aculturação</p> <p><i>But for which community? Muslims. I am like close from them to my children know their religion, don't forget that. And I have a little one... Especially here. Children spend all the day in the school. And when we came to Canada, they told us teach your children your religion, your language, your culture. Because if you leave them, they will take Canadian religion. They told us directly. And they said that depending on you. So for all communities here, they try to practice... What they have, what they bring from the country. But like I said before, we take a good thing from Canadian culture and Canadian life and mix it with what you have. But women don't have right to do what they do. Like right to do more here. I like at this point like that. You know how to organize your life, your culture, your education. I don't know. You have to be always aware what you do (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).</i></p>
		<p>Ser mulher muçulmana</p> <p><i>Tradutor: Mais elle a progressivement compris que le système religieux est différent: elle a vu qu'une femme peut sortir de la maison, aller au marché, une femme peut rester et parler devant les hommes.</i> <i>Elle n'a donc plus peur de sortir seule pour aller au marché, pour aller au champ, aller ou elle veut. Elle dit que le Tchad est beaucoup différent du Nigeria et qu'elle s'adapte bien ici au Tchad. Elle se sent donc mieux ici qu'au Nigeria (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).</i></p>

Acomodação
bidimensional

It is about women clothes I think, yeah It will be like a little bit you are in your community, you are in your country. And when you go to bank, when you go to medical hospital, use some women, men, they are like 'Salam Aleikum' and they are wearing a veil too. And when you know... I will tell you something... I had an appointment in hospital, medical hospital. Hospital. So I am wearing a veil, she got me a mask and she told me oh wait, I will give you how to put your mask... She removed elastic from another one and give me and she told me now you can put your mask comfortable so she know I have to tie it under my like... up on my hidjab. Oh, I told her you are so nice, thank you so much. And always I told them (pessoas da comunidade islâmica) you have to be close from them (canadenses), because Canada bring us to here and accepted us like Canadian. So they prepare us to be Canadian so we have to be knowledge Canadian I think. Because if somebody pick you up from the refugee camp and bring you to Canada and give you everything, you have to... Do favors for us. You have to back something... I don't know how to explain (Participante 12- SD, 47 anos, Canadá).

Fases da aculturação

Tradutor: Like the organization stopped helping us and we're here like the native people.

Entrevistador: Okay, you were there like native people, but you don't feel like that you have the enough support that you need nowadays?

Tradutor: Yeah, we don't have enough support.

Like the organization stopped helping us and we're here like the native people.

The organization just helped us in the resources... The organizations stopped working here and garbage and the food... Help is stucked. The government stopped, like to collect the garbage and there isn't work. So is hard (Participante 9- ML, 36 anos, Iraque).

Tradutor: Its hard for her. Like, the first when we came to Kurdistan, we lived in a tent. And in winter we didn't have water or anything. We lived in tent, for 6-7 years. And its hard for her (Participante 6- HO, 45 anos, Iraque).

<p>Coping: recursos individuais</p>	<p>Estratégias individuais utilizadas pelas participantes para se adaptarem e se reinventarem no país de acolhimento</p>	<p>Atitudes e crenças positivas</p>	<p><i>I'm so much optimistic. I don't take anything hard. Like just have One way to do it, like, okay, do it however... It's do it hard, easy. Do it. I take a life so much easy (Participante 8- RI, 19 anos, Iraque).</i></p>
		<p>Reatribuição de significado</p>	<p><i>(...) if I was in Syria, maybe I would not have all these options that made me this person that I am on now. A lot of opportunities that I had, the courses, I don't think my friends in syria, they have these things now what I have. So I think everything has a reason for me now. I'm really good I don't know. I think everything that I built through has made something in me, like left something in me like. Good moment or bad ones. As I told you, for me I got stronger with the bad things more than the support, because I knew what I was. And every time someone was making part of me, I had this courage to prove them wrong. I think the war was something that really, left something in me that led let me just grow up like this. I could not live my kids life as anyone else and it made me what I have now (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).</i></p>
		<p>Self-talk</p>	<p><i>Don't say that 'I can't'. If you try and there's time, of course you gonna pass it in the hard time. Because I think I'm going to do nursing, but it's too hard. And now. I feel better, like 'I can do it. Why not?' If you keep saying: 'No, no, I can do that'. Of course, you can't do it, because you're not trying. But if you say, 'I will try. Come on, hurry up!' And you will do it (Participante 5- ER, 20 anos, Austrália).</i></p>
		<p>Personalidade</p>	<p><i>I was just a kid, eleven years old. Doesn't have, like how to say it. In that time, I didn't have to have a lot of responsibilities. But you just feel like you grew up like this and you have to do everything right. Okay. So I think it's the confidence that I have to say no, I always was like this, and I think I will stay like this because if I don't have this personality, my sister they didnt have, they didn't finish studying. I don't think they got what they wanted, and I didn't want to be like them, so I was strong enough to say no and to really fight for what I want (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).</i></p>

		Humor	<p><i>Yeah, like in gym class, I really struggle the most...In gym class (risos). Because in gym classes we have to be... we were like, you're kind of forced to do something with people you hardly know. And in my gym class, the people I was with... So, I'm in grade eleven, I did gym class. And in grade twelve also, I did gym class. So in gym class in grade eleven, I was new and I was so confused because the gym class was so confusing. We didn't have these things in Iraq. I don't know, what is it? (risos) So we have sessions, and sometimes some sessions we had to do in the classroom. And I didn't know It was in the classroom, so I came to the gym.... and Where are they? (risos) I was so confused in the gym class. So confused! That was the only thing that is stressing me about high school. Don't... And my classmates in the gym class, they all already knew each other. They were very close people. Even if I tried to make room... So, like the teacher would say 'find a partner', so we do this activity with. I even do eye contact. Like, 'okaaaay let's be together...' (risos) (Participante 10- JZ, 20 anos, Canadá).</i></p>
		Sonhos e planos	<p><i>I give the advice...If you change the country, let your dream the same, don't change? Also your faith in God. Because you don't need to change it, you can still have faith in God. Also you can complete your study. Maybe they aren't the same as in your country, maybe they are difficult more. But if you want, you can do what you want. You can fight for your things, Inshallah you finish your thing, you get your dream. You can let the country know that yes, you are from the country, but the country also needs you. You can help the country. This is what I want to say (Participante 4-SO, 20 anos, Iraque).</i></p>
<p>Coping: recursos sociais e comunitários</p>	<p>Estratégias com a utilização de elementos externos, advindos da sociedade e da comunidade, utilizados para o</p>	Família	<p><i>Tradutor: Elle pense que c'est très bien d'avoir migrer au Tchad avec sa famille, elle dit que c'est vraiment mieux de voyager avec la famille. Elle dit que c'est très compliquer de quitter son pays et aller dans un autre pays. et que cela peut être plus difficile quand on n'est pas avec sa famille (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).</i></p>
		Amigos	<p><i>So it changes a lot. But then after three years in the camp, we start to make friends, a very good friend, like XX... Everyone.</i></p>

	enfrentamento pós-refúgio pelas participantes	<p><i>And we start to do things like... We were sometimes like calling, like now we have a course to go and they were like, oh, 'you're washing the dishes'. So two of us will just go to help her very quickly and take her and we go to the course. We were playing volleyball. this is Why started to be good again with us (Participante 11- DH, 21 anos, Iraque).</i></p>
	Vizinhas	<p><i>In the beginning, she has no friends. She has no friends. But after approximately one year or one year and a half, the organization take care of the camp, and all of the neighbors, they become her friends. She's said my neighbors, like after years, you start knowen them very well, I will become your friend (Participante 14- AD, 35 anos, Iraque).</i></p>
	Trabalho e atividades voluntárias	<p><i>Tradutor: Elle dit qu'elle est très contente et souhaite même rester ici. Auparavant, elle avait beaucoup de soucis du fait qu'elle a des enfants. Elle est une femme et elle n'as pas la force de sortir pour aller travailler et trouver des ressources de subsistances pour ses enfants. Mais elle a eu la chance d'avoir une formation avec la Croix-Rouge et maintenant elle a un contrat de travail comme Relais-communautaire chez la Croix-Rouge. Donc ce travail lui permet d'avoir chaque fin de mois un peu d'argent pour assurer la subsistance de sa famille. Elle a aussi fait une formation professionnelle: la Couture. Et elle a même une machine à coudre chez elle á la maison, qui lui permet de coudre les habits pour les enfants, pour les femmes et pour les hommes (Participante 2- ZA, 42 anos, Chade).</i></p> <p><i>I was like maybe a won't go there. Yeah, I think I remember. The only thing that really helped me I'm so honest that right now, the Pathfinder Club helped me a lot. Really helped, because I didn't think about my situation at all. I was with my friends, with you, and knowing new people from around the world. And we did activities, so it helps me a lot. But every time when I went to home again I go back again... the doctor also didn't help me that much. But you know, sometimes when we speak to someone, it's helpful. Right now, when I talk to you (Participante 7- KS, 20 anos, Alemanha).</i></p>

	Estudos e escola	<p>Tradutor: <i>Et maintenant arrivée ici au Tchad, c'est la première fois qu'elle l'école. A l'autre cote, c'est a dire dans le village d'origine il n'y a pas d'école</i> (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).</p>
	Figuras representantes da comunidade	<p>Tradutor: <i>Elle a dit qu'avec la sensibilisation, avec les conseils et des informations auprès des leaders communautaires, l'Imam, le Pasteur, même a la Mosque, a l'Eglise les aident a savoir que faire et les choses a éviter. parce que le Tchad et le Nigeria sont différents, ils n'ont pas les mêmes lois, alors ces leadeurs et ces personnes ressources les aident pour ne pas faire les choses interdites au Tchad</i> (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).</p>
	Suporte ONGs	<p>Tradutor: <i>Elle dit qu'il y a une grande différence entre une femme migrante et un homme migrant. Elle trouve que la femme migrante est plus motivée et honorée. Car les ONG et les humanitaires qui viennent travailler dans le camp travaillent tous avec les femmes et écoutent plus les doléances des femmes. parce que la femme, comme mère fait tout. Ici au Camp aussi quand les humanitaires font la distribution des vivres (os produtos alimentares), ils donnent les quantités de nourriture en fonction du nombre de personne qui sont dans la famille et elle dit qu'elle est très contente pour cela aussi. Depuis qu'elle est ici dans le camp elle reçoit une ration alimentaire à la fin de chaque mois auprès des ONG. Dans le Camp elle fait une activité génératrice de revenue (AGR)</i> (Participante 3- HY, 39 anos, Chade).</p>
	Suporte governamental	<p><i>They changed, because we have here in Australia the government, they give it to the refugee people, a care worker. That means you going to help this family. Whatever problem we have, you can help us. Paper or food or anything, or driving or hospital or anything. And come to our house, they pick up and we go to shopping first month until we finish and then we know what's happening. A Tutor. A volunteer. She one hour to help me.</i> (Participante 5- ER, 20 anos, Austrália).</p>

<p>Coping: recursos religiosos</p>	<p>Estratégias de enfrentamento com elementos da religião islâmica, utilizados para o reinventar pós-refúgio pelas participantes</p>	<p>Fé e espiritualidade</p>	<p><i>I feel in that way, God with us, they make our way open in Australia, in the country was like easier, not hard.</i> <i>Okay, so because of the support that you received all. The doors open for you in Australia. So your faith is stronger because you believe that God is with you and it's doing all this. Okay</i> (Participante 5- ER, 20 anos, Austrália).</p>
		<p>Religião e cultura</p>	<p>Tradutor: <i>La femme selon la religion islamique, elle doit rester à la maison et s'occuper du foyer. Elle n'a pas le droit de s'exprimer devant les gens.</i> <i>Elle dit vraiment que en tant que une mère, c'est-a-dire, une fille-mere, elle a eu les enfants avant 18 ans. Et cela est un comportement des gens du Nigeria, des comportements liés à leurs procédures, c'est-a-dire leur culture/tradition. Maintenant elle a seulement 21 ans et elle a déjà deux enfants. Et son mari est un marabout, un homme âgé qui n'a même pas de travail</i> (Participante 1- KA, 21 anos, Chade).</p>
		<p>Suporte de outras religiões</p>	<p>Tradutor: <i>Meme au niveau des coutumes elle a constaté qu'ici au Tchad les femmes sont beaucoup écoutées dans la mosquée et dans l'Eglise. lorsqu'au Nigeria personne n'écoute la femme. Mais ici avec les leaders religieux, les leaders communautaires, les humanitaire, la femme est mieux écoutée, et elle a vraiment le pouvoir. Et cela est une très grande différence</i> (Participante 3- HY, 39 anos, Chade).</p>

